

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

REGINA MATSUI

**Iº JOGOS ESCOLARES
BRASILEIROS DA
CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA
DE DESPORTOS PARA CEGOS:
UM ESTUDO DE CASO**

Campinas
2007

REGINA MATSUI

**Iº JOGOS ESCOLARES
BRASILEIROS DA
CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA
DE DESPORTOS PARA CEGOS:
UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: José Júlio Gavião de Almeida

Campinas
2007

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

M429p Matsui, Regina.
1º Jogos Escolares Brasileiros da Confederação Brasileira de Desportos para Cegos: um estudo de caso / Regina Matsui. - Campinas, SP: [s.n], 2007.

Orientador: José Julio Gavião de Almeida.
Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Deficientes visuais. 2. Desenvolvimento motor. 3. Esportes escolares. 4. Jogos. I. Almeida, José Julio Gavião de. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. 1. Jogos Escolares Brasileiros da Confederação Brasileira de Desportos para Cegos: um estudo de caso. IV. Título.

(asm/fef)

Título em inglês: 1st Brazilian School Games of the Brazilian Blind Sports Confederation: a case study.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Visual Impairment; Motor Development; School Games.

Área de Concentração: Atividade física, Adaptação e Saúde.

Titulação: Mestrado em Educação Física.

Banca Examinadora: Maria Teresa Krahenbuhl Leitão. Edison Duarte. Roberto Rodrigues Paes. Mey de Abreu van Munster. José Julio Gavião de Almeida.

Data da defesa: 26/02/2007.

REGINA MATSUI

**1º JOGOS ESCOLARES BRASILEIROS DA
CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS
PARA CEGOS: UM ESTUDO DE CASO**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por Regina Matsui e aprovada pela Comissão julgadora em: 26/02/2007.



Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida
Orientador



Prof. Dra. Maria Teresa Krahenbuhl Leitão

Campinas
2007

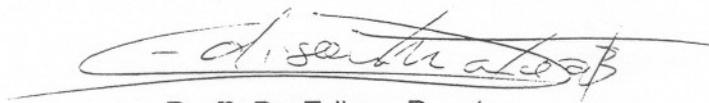
200723669

Dedicatória

COMISSÃO JULGADORA

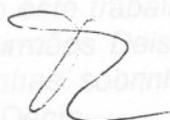


Prof^o. Dr. José Vúlio Gavião de Almeida
Orientador



Prof^o. Dr. Edison Duarte

Dedico este trabalho aos meus pais, Mauro e Lea, aos meus irmãos, Maíse, Mauro Júnior, Silvio e Alexandre, às minhas filhas, Isabella e Gabriela, e ao meu



Prof^a. Dra. Maria Teresa Krahenbuhl
Leitão

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, Mauro e Lea, aos meus irmãos Deise, Mauro Júnior, Silvio e Alexandre, as minhas sobrinhas, Isabella e Gabriella, e ao meu amor, Denis.

Agradecimentos

Agradeço a minha família pelo apoio incondicional em todos os momentos, por conviverem com as minhas “neuras”, enfim por me apoiarem sempre!!!!

Ao meu Pai amigo, companheiro, um verdadeiro exemplo a ser seguido, obrigado por ter me trazido ao mundo e por mostrar a beleza da vida.

A minha Mãe (In Memoriam), obrigada por me fazer quem sou hoje, por ter mostrado o caminho da vida, por me conduzir sempre por um caminho cheio de felicidades e acima de tudo pela maravilhosa lição de vida, que nos deu.

A minha irmã, Deise, que assumiu o posto de “mãe”, que é um exemplo de vida ambulante, que nunca teve o seu tempo ruim, é capaz de me fazer rir até mesmo nos piores momentos, sempre tem um motivo para não me fazer desistir nunca dos meus sonhos e objetivos.

Aos meus irmãos Juquinha e Silvio, que convivem comigo, e que me escutam sempre, fazendo-me buscar sempre o melhor, dão dicas e conselhos e são eles que me suportaram nos meus momentos de estresse.

Ao meu “irmão”, Alexandre, obrigada por me apoiar sempre, e acima de tudo por compartilhar ideais de vida comigo, dando suporte aos meus sonhos.

As minhas sobrinhas Isabella e Gabriella, tesouros que vieram e que fazem parte da vida de todos, nos dão alegria, felicidade e uma baita saudade quando estão longe....a vocês Minha Família: AMO-OS DEMAIS!!!!

Ao meu orientador Prof. Dr.º José Júlio Gavião de Almeida, não somente pela orientação em si, mas muito mais por ser quem você é, meu amigo, meu professor, uma pessoa que sempre acreditou em mim, que me colocou para apresentar trabalhos sabendo do meu nervosismo, e mesmo assim me apoiava a apresentá-los, gostaria que soubesse aqui que sou sua fã de carteirinha. Obrigada por tudo!!!!

Ao Prof. Dr.º Edison Duarte, por aceitar o convite para fazer parte da banca, pelos conhecimentos compartilhados, pela paciência e por mostrar o seu conhecimento acadêmico de forma tão singela. Obrigada!

A Prof.ª Dra. Maria Teresa Krahenbuhl Leitão, Têra, obrigada pelas sugestões feitas na qualificação, pela disposição e atenção dada em todos os momentos, e pelos conhecimentos compartilhados. Obrigada!

Ao meu amor, Denis, pessoa com quem compartilho e compartilhei diretamente todas as minhas angústias, felicidades, alegrias, indignações e também nessa reta final as minhas neuras. É essa pessoa que me dá apoio, credibilidade e que acima de tudo me mostra que devemos sonhar, pois podemos sim, concretizar esses sonhos. Obrigada por me fazer muito feliz e por fazer parte da minha vida. Amo você!!!!

A família Ribeiro Patrocinio que me adotaram como filha e irmã nesses últimos meses, saibam que sou muito grata pelos momentos especiais vividos junto a vocês, agradeço pelos momentos de descontração, e pelo acolhimento fantástico que tive desde o primeiro dia em que os conheci.

A família Nishimura pelo apoio, carinho e atenção dada durante todos esses anos, que mesmo à distância torceram pela concretização deste trabalho. Obrigada!!

A família Brandão Viana pela estadia na época do IASP, por terem me adotado e me fazerem sentir sempre acolhida em todos os momentos, mas muito, além disso, por serem pessoas maravilhosas que são, e pelo apoio nos momentos difíceis pelos quais passei. Aqui Heleninha, minha irmã, queria deixar registrado o quanto você é especial para mim, amo você!!!!

A Tia Anete Matushy, primos Marcelo, Michelli, Márcio, Akira e Meire que compreenderam a minha ausência, me apoiando e ajudando sempre em tudo. Obrigada pelo carinho e pelos momentos compartilhados.

A Tatiane, Andrea e Eduardo, que posso me referir à família Jacusiel Miranda obrigada por compartilharem o lar de vocês comigo, pelas maravilhosas conversas e ensinamentos de vida, por compreenderem o meu choro e mostrar que nada é muito difícil. Obrigada!

Aos meus amigos do GEPEAMA, e do GEAMA, grupo de amigos para o que der e vier, deixo aqui os meus agradecimentos a todos de uma forma geral, saibam que moram no meu coração! Em especial aos amigos, Dani Itani, Mariana, Vêi (Márcio), Janaína, Larissa, Carolzinha, Carol, Mônica, Ricardo, Murilo, Liana, Vivian, Camila, Leonardo, Natália, Sabrina e Fernanda.

Ao Zé, Ciro, Botuca, Caco, Dê, Marquinhos, Marcos Chaves, Andrei, Mey, Soninha amigos do Casarão!!! Obrigada pela boa época e por me mostrarem o quanto é importante à amizade verdadeira, que apesar da distância sobrevive acima de tudo! Vocês moram no meu coração!!!

Ao Artur Squarisi pela força e por ser meu amigo de longa data, por ser companheiro nas horas de arte, e acima de tudo por me compreender. Foi meu ombro amigo nos momentos de choro e desespero, sempre me dando a certeza que tudo sairia bem. Obrigada meu amigo!!!!

A Thais Helena Mollar, obrigada amiga!!!! Os nossos momentos de reflexões, conversas e alegrias foram divinos!!!

A Maria Luiza Tanure, Malu, obrigada pelas conversas, pela força e pelo encorajamento de sempre. Por sempre ter um tempinho para batermos um papo e pela preocupação e cuidados constantes.

Aos amigos e professores Paulo César Montagner, Roberto Rodrigues Paes e Denise, que foram especiais e marcantes durante todo o curso, e por estarem sempre disponíveis para uma boa conversa e se mostrarem acima de tudo pessoas dignas da posição que ocupam. Obrigada!!!

Ao amigo Hermes Ferreira Balbino, obrigada pelas conversas, pelo apoio, por me socorrer em momentos de desespero e por esclarecer o caminho que por vezes estavam escuros. Obrigada acima de tudo pela cumplicidade compartilhada!!!

A amiga Beatriz Leme Passos Carvalho, Bia, obrigada pela força, por entender as minhas angústias e por ser essa pessoa alegre e divertida com quem tenho prazer em trabalhar. Saiba que és muito importante para mim!!!!

Aos amigos de pós-graduação Andresa Ugaya, Érika Coselli Vasco de Toledo, Aline Strapasson, Thais Lovo e Luis Otávio Piva (Batavo), por compartilharem as angústias, tristezas, alegrias e vitórias nessa nossa etapa da vida. Por mostrarem o quanto é importante à amizade e por vezes ceder o ombro amigo. Obrigada amigos!!!!

Ao amigo Faísca, pela descontração nos momentos mais tensos e por mostrar que a vida é alegre até mesmo na resolução dos problemas.

A Stelinha, amiga de longa data que mesmo a distância sempre esteve presente. Obrigada pela atenção e pelo carinho.

Ao amigo João Paulo Borin, pelo apoio, pela força, por compartilhar bons e maus momentos e por torná-los agradáveis em sua companhia. Obrigada!!

A amiga “Tia” Clarice, responsável direta pela escolha desse meu caminho, ensinando-me tudo de ginástica artística e, por estar sempre presente em todos os momentos da minha vida, mesmo que à distância. Obrigada por tudo!!!!

As meninas da secretaria da pós-graduação, Márcia e Maria, pela paciência e compreensão durante o curso e principalmente nessa fase final. Obrigada!!

Aos funcionários da Biblioteca, Gonzaga, Andréia, Dulce, Helena e Geraldo, pela compreensão e paciência com as retiradas de livros.

Aos funcionários da área da computação, em especial ao Beeroth, por compartilhar a alegria no dia-a-dia de trabalho. E que sempre com muita paciência solucionava os nossos problemas.

Ao David Farias Costa, presidente da CBDC, pelo apoio e por proporcionar a realização desta pesquisa. Obrigada!!!!

Aos amigos da CBDC, Jonas, Vanessa, Jacqueline e Gabriele, obrigada pela paciência e pela prontidão na disposição dos materiais para este trabalho. Jonas obrigado também pelas reflexões e discussões sobre os jogos escolares.

Ao Antonio João Menescal Conde, Menesca, obrigada pela força, apoio e a alegria compartilhada nas competições da CBDC, e acima de tudo por permitir e apoiar este estudo.

Ao Neno, Benedito Franco Leal Filho, por mostrar a beleza do trabalho nessa área, por acreditar e fazer do trabalho junto as pessoas com deficiência visual, um trabalho prazeroso e acima de tudo pelas conversas compartilhadas.

Ao Vital Severino Neto, Presidente do CPB, por apoiar e incentivar a realização dos jogos escolares.

A todos os participantes do 1º Jogos Escolares da CBDC, que tornaram possível a realização desse trabalho. Obrigada!!!

E aqui não menos importante, a você leitor, que retirou este trabalho da estante e que teve interesse nesse assunto. Muito obrigada!!!

MATSUI, Regina. 1º Jogos Escolares Brasileiros da Confederação Brasileira de Desportos para Cegos: um estudo de caso. 2007. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RESUMO

A pessoa com deficiência visual possui um atraso no seu desenvolvimento motor, em decorrência das poucas oportunidades que elas possuem ao longo da vida. Nesse sentido, sabemos da importância da prática de atividade física para essas pessoas, tendo em vista que ela contribui para o desenvolvimento global da pessoa. As informações retiradas do meio e a aprendizagem de gestos e habilidades motoras contribuem na formação e no desenvolvimento motor dessas pessoas. Na busca de possibilitar essas práticas, em específico as modalidades esportivas paraolímpicas, a Confederação Brasileira de Desportos para Cegos – CBDC realizou o 1º Jogos Escolares Brasileiros para crianças e jovens com deficiência visual em idade escolar. Esse evento é o tema principal do nosso trabalho e temos como objetivo, estudar, avaliar e documentar o 1º Jogos Escolares Brasileiros da CBDC, realizado na cidade de São Paulo, no período de 12 a 15 de novembro de 2004. A metodologia utilizada foi a pesquisa descritiva, sendo especificamente um estudo de caso e, como instrumento de pesquisa, utilizamos a análise documental feita através da análise de relatórios, projetos e ofícios da CBDC, relacionados a esse evento. Assim, analisamos e avaliamos (discutimos) o processo pedagógico e técnico utilizados nas modalidades de atletismo, goalball, natação, judô, futebol B1 e xadrez; o processo histórico dessas modalidades no Brasil; o papel político-social desse evento junto às instituições, a CBDC e o Comitê Paraolímpico Brasileiro - CPB e, por fim, o papel das instituições de ensino superior enquanto agentes influenciados e influenciadores pelas manifestações culturais e esportivas, para e pela sociedade. Observamos então que esse evento teve um caráter principal de proporcionar a “vivência” esportiva em algumas modalidades, porém pedagogicamente e tecnicamente as condições dos alunos/atletas foram respeitadas. Quanto ao processo histórico, apesar desse evento não exigir de fato o alto rendimento, esses jogos contribuíram para a detecção de novos talentos e, assim, para a formação de atletas de base. Notamos também que as políticas das instituições foram respeitadas e os órgãos máximos, no caso CBDC e CPB, buscaram e buscam cumprir com os objetivos e deveres em relação ao desenvolvimento de eventos voltados para o desporto escolar. Pudemos notar que esses eventos tem contado cada vez mais com a participação e envolvimento de universidades, demonstrando que atualmente essa área do esporte adaptado está abrindo espaços para discussões nas mesmas, pois oferece estudos referentes a ela, em cursos de especialização, mestrado, doutorado e nas disciplinas da graduação. Por ter sido o 1º Jogos Escolares da CBDC, muitos pontos merecem reflexão, como a forma trabalhada, as regras adotadas e o cumprimento de seus reais objetivos. Assim, esperamos que essas análises e documentação aqui registrados, possam contribuir na realização de eventos futuros.

Palavras chaves: Deficiência Visual, Desenvolvimento Motor, Jogos e Esportes Escolares

MATSUI, Regina. 1st Brazilian School Games of the Brazilian Blind Sports Confederation: a case study. 2007. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

ABSTRACT

People with visual impairment have a delay in their motor development due to the lack of opportunities throughout life. Thus the importance of the practice of physical activities for this group of people since it contributes to their global development. The information drawn from the environment, the learning of gestures and motor skills contributes to the formation and motor development. Seeking to make these practices possible, especially the practice of Paralympic sports, the Brazilian Blind Sports Confederation – CBDC held its 1st Brazilian School Games, for youngsters – in school age - with visual impairment. The above mentioned event is the theme of our work and our objective is to study, evaluate and document the 1st Brazilian School Games held by the Brazilian Blind Sports Confederation in the city of São Paulo from November 12 to 15, 2004. The methodology used was descriptive research, more specifically a case study, and as research tools we used the documental analysis of reports, project and official letters of the CBDC related to the event. We analyzed and evaluated the technical and pedagogical process used in the sports of athletics, goalball, swimming, judo, football 5-a-side and chess, as well as the historical process of these sports in Brazil; the social-political role of the event to the associations affiliated to the CBDC, to the CBDC itself and to the Brazilian Paralympic Committee - CPB; and lastly the role of the institutions of higher education as agents that are influenced and influence cultural and sporting manifestations to and from society. We observed that the main characteristic of this event was to provide a “sporting experience” in some sports, respecting the pedagogical and technical conditions of the students/athletes. With respect to the historical process, although the event was not focused on elite level, the games contributed to the detection of new talents and therefore to the formation of grassroots athletes; we also noticed that the policies of the several sports entities involved were respected, that the CBDC and the CPB seek to fulfill their objectives and obligations with respect to the development of school sport events. From the analysis of the participation of higher education students we detected that these events have had increased the participation and involvement of universities, demonstrating that the subject of adapted sports is opening spaces for discussions in these institutions since they offer it in their graduation, master degree and specialization courses. Being the event here addressed the 1st School Games held by the CBDC many aspects deserve to be discussed, like for instance, its structure, the rules adopted and the fulfillment of its objectives. We expect that the analysis made and the documents here presented may contribute to the organization of future events of the same kind.

Key words: Visual Impairment, Motor Development, School Games

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Etapas de Elaboração.....	51
Quadro 2	Estrutura do Planejamento.....	55
Quadro 3	Estrutura da Execução.....	56
Quadro 4	Estrutura dos Desdobramentos.....	57
Quadro 5	Reflexões da Pesquisa.....	58
Quadro 6	Proposta Esportiva Acadêmica.....	75

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CBDC	Confederação Brasileira de Desportos para Cegos
ABDC	Associação Brasileira de Desportos para Cegos
CPB	Comitê Paraolímpico Brasileiro
FEF	Faculdade de Educação Física
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
GEPEAMA	Grupo de Estudo e Pesquisa em Atividade Motora Adaptada
IBSA*	International Blind Sports Federation
OMS	Organização Mundial da Saúde
ART	Artigo
DV	Deficiente Visual
RDI	Resolução da Diretoria
CO	Centro Olímpico
B1	Classe Visual B1, pessoas cegas.
B2 e B3	Classe Visual de pessoas com baixa visão
IBCA	<i>International Braille Chess Association</i>
IES	Instituições de Ensino Superior

* A abreviatura IBSA mantém-se até os dias atuais, apesar da modificação ocorrida com a palavra Association para Federation.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	15
1.1 Metodologia.....	17
1.1.1 Revisão de literatura.....	17
1.1.2 Caracterização do evento estudado.....	18
1.1.3 Procedimentos adotados para a análise/avaliação do evento.....	20
2 Deficiência Visual.....	21
2.1 Definição e classificação da deficiência visual.....	21
2.2 Características das pessoas com deficiência visual.....	23
2.3 Alguns cuidados necessários para o trabalho com essa população.....	25
3 Desenvolvimento e Desenvolvimento Motor.....	28
3.1 Desenvolvimento.....	28
3.2 Desenvolvimento Motor.....	29
3.3 O Desenvolvimento Motor de indivíduos com deficiência visual.....	35
4 Jogos Escolares.....	38
4.1 Um breve histórico da CBDC.....	38
4.2 Missão, filosofias e políticas da CBDC.....	39
4.3 Preparação e resoluções em que se pautaram a realização dos jogos.....	41
4.4 A realização dos jogos.....	44
5 Proposta de um modelo.....	51
5.1 Proposta de um modelo para a aplicação dos Jogos Escolares.....	51
6 Discussão.....	62
6.1 Quanto aos procedimentos técnicos e pedagógicos.....	62
6.2 A análise do contexto histórico de cada modalidade no Brasil.....	66
6.3 A análise do papel político-social do 1º Jogos Escolares numa perspectiva de consolidação dos papéis das instituições, da CBDC e do CPB.....	69
6.4 A análise e avaliação do papel das IES enquanto agentes influenciadores e influenciados pelas manifestações culturais e esportivas, para e da sociedade.....	71
Considerações finais.....	73
Referências.....	79
Anexos	84
Anexo A Projeto de Fomento Financeiro	85
Anexo B Carta Convite enviada as Instituições	89

Anexo C Ficha de Cadastro Geral do Atleta – Desporto Escolar.....	91
Anexo D Ficha de inscrição de atletas.....	92
Anexo E Ficha de inscrição de staff.....	93
Anexo F Informativo do Evento.....	94
Anexo G Ficha de anamnese.....	95

1 Introdução

A elaboração desse trabalho se deu pela grande afinidade e interesse que encontramos junto à área de educação física adaptada.

Durante a graduação tivemos contato com os trabalhos desenvolvidos pelo departamento de atividade motora adaptada, da Faculdade de Educação Física (FEF), da Unicamp, oferecidos às pessoas com deficiências físicas, sensoriais (visuais e auditivas), mentais, e com múltipla deficiência. Nesse contato, a experiência que nos chamou mais atenção foi aquela com os deficientes visuais, pelas dificuldades, pela alegria diante da possibilidade e possíveis sucesso de tais enfrentamentos e pela potencialidade que apresentaram durante a prática das atividades propostas na ocasião.

Um outro fator importante para essa elaboração foi o contato junto com a Confederação Brasileira de Desportos para Cegos - CBDC, em campeonatos e clínicas. A CBDC sempre apoiou a participação de acadêmicos, possibilitando-nos, alunos da Unicamp, a diversidade de atuação em eventos. Uma importante referência para esse momento de construção acadêmica foi nossa participação no GEPEAMA – Grupo de Estudo e Pesquisa em Atividade Motora Adaptada, onde há discussões sobre o desenvolvimento motor, as classificações e definições, assim como assuntos gerais e específicos que cercam a deficiência visual.

A questão do desenvolvimento humano ocorre no âmbito geral, ou seja, está correlacionado à relação existente entre o desenvolvimento físico, cognitivo, psico-social e cultural em relação ao indivíduo. Cada um desses itens deve ser valorizado e, nesse estudo, abordamos assuntos como o desenvolvimento motor, desenvolvimento motor em crianças e jovens com deficiência visual e a deficiência visual, relacionados de uma forma geral ao desenvolvimento e organização do I Jogos Escolares Brasileiros da CBDC¹.

¹ Anteriormente chamada de Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC), tendo o seu nome modificado em dezembro de 2005.

Segundo Hyvarinen (1991 p.47):

A deficiência visual e o desenvolvimento motor interagem muito: o desenvolvimento motor pode se atrasar porque o estímulo visual para a movimentação e para o alcance de um objeto está inferior ao normal. Uma habilidade motora pobre atrasa o desenvolvimento das funções cognitivas e a criança não aprende a usar o máximo sua visão.

Neste sentido podemos auxiliar as crianças com deficiência visual e, inclua-se aqui, as crianças cegas, através da estimulação dos sentidos remanescentes ou de seus outros sentidos, a capturar informações quanto à localização de determinado objeto, ou no deslocamento a determinado local, utilizando-se do sentido da audição, ou até mesmo do olfato na realização dessas tarefas. De certa forma, a ausência do sentido visual estaria sendo compensada com a utilização dos sentidos que chamamos aqui de remanescentes, auxiliando assim no desenvolvimento da criança.

É importante que essa estimulação seja sempre feita tão logo se descubra que a criança apresente algum tipo de deficiência visual, pois quanto antes ela for trabalhada motoramente, maior possibilidade na qualidade de suas habilidades motoras, ela terá, facilitando assim, novas aquisições motoras. Desse modo, podemos dizer que as crianças que foram estimuladas tão logo tenha sido detectada a deficiência visual, possuem como ponto positivo o conhecimento adquirido do meio que a cerca, tendo assim, uma interação maior com outras pessoas, outros objetos e que podem favorecer o desenvolvimento de forma global.

Para a união e o entendimento dos temas deficiência visual, desenvolvimento motor e organização de um evento esportivo resolvemos documentar e avaliar o Iº Jogos Escolares da CBDC, tendo em vista a importância da prática esportiva e das poucas oportunidades das quais as pessoas com deficiência visual comumente possuem, e a partir disso, propor um modelo de planejamento e realização dos jogos escolares da CBDC, tomando como base esse evento.

Assim, o trabalho está estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo caracteriza a deficiência visual, de maneira a compreender as peculiaridades de pessoas com essa limitação. Posteriormente, abordamos o tópico de desenvolvimento motor, caracterizando cada faixa etária e a suas relações com as atividades motoras realizadas. Partimos então para o relato

dos Jogos Escolares, juntamente com as observações realizadas no evento, seguido de uma proposta para a realização de jogos escolares futuros e, por fim, as discussões e considerações finais.

Para que pudéssemos alcançar o nosso objetivo, ou seja, analisar, estudar e compreender o I Jogos Escolares Brasileiros da CBDC, foi necessário: 1) analisarmos e avaliarmos os procedimentos técnicos e pedagógicos adotados para a realização das modalidades esportivas: goalball; atletismo; judô, futebol B1, xadrez e natação; 2) analisarmos e discutirmos a história do esporte para cegos no Brasil dentro de uma relação estreita com o desenvolvimento e massificação do esporte a partir de uma formação de base; 3) analisarmos e considerarmos o papel político-social do I Jogos Escolares numa perspectiva de consolidação dos papéis das Instituições, da Confederação Nacional de Desportos para Cegos e da entidade esportiva máxima, o Comitê Paraolímpico Brasileiro; e analisarmos e avaliarmos o papel das Instituições de Ensino Superior enquanto agentes influenciadores e influenciados pelas manifestações culturais e esportivas, para e pela sociedade.

1.1 METODOLOGIA

1.1.1 Revisão de literatura

Para a elaboração da revisão de literatura desta pesquisa, utilizamos como fonte de busca, as Bases de Dados, como a UNIBIBLI, Sport Discus e Acervus, para obtermos livros, teses, dissertações e artigos sobre o tema pesquisado. Para tanto utilizamos palavras chaves como deficiência visual, desenvolvimento motor, atividade física para jovens e crianças com deficiência visual. Foram encontrados artigos em revistas como *Braian &Development*, *Journal of Visual Impairment & Blindness*, *Journal of Abnormal Child Psychology e Early Child Development and Care*.

Foram também coletados dados através de pesquisa feita nos registros e documentos da CBDC como veremos posteriormente neste estudo.

Esse estudo é uma pesquisa descritiva, que segundo Thomas e Nelson (2002, p. 280), é o tipo de pesquisa preocupada com o status, incluindo técnicas como *survey*, estudos de caso e pesquisa desenvolvimental. Especificamente, neste caso, ela é um estudo de caso, do tipo de estudo avaliativo, ou seja, envolvem descrição e interpretação, mas o propósito principal é utilizar o mérito de alguma prática, programa, movimento ou evento.

1.1.2 Caracterização do evento estudado:

Descrição dos atletas

Os atletas que participaram desses jogos são pessoas com deficiência visual (cegos e baixa visão), com idade variando de 10 a 18 anos, e de ambos os gêneros.

Michaellis (2007) define atleta como pessoa treinada para competir, profissionalmente ou como amador, em exercícios, esportes ou jogos que requerem força, agilidade e resistência. Chamaremos neste trabalho os sujeitos da pesquisa de atleta/aluno, porém lembramos que muitos desses nossos alunos, não se enquadram na definição de atleta, porque muitos deles não possuem um treinamento sistemático. Nesse sentido a escolha dessa terminologia dar-se-á por um aspecto técnico-pedagógico diante da natureza do evento observado.

Eles foram divididos para efeito de competição em 2 grupos conforme a faixa etária, infanto-juvenil (10 a 14 anos) e juvenil (15 a 18 anos), e classificados conforme a deficiência em B1, englobando as pessoas sem percepção luminosa até as que possuem um resíduo visual quanto a luminosidade, porém não são capazes de definir a forma de uma mão a qualquer distância; e o grupo de B2/B3 que engloba os indivíduos com baixa visão. Nesse caso específico para a modalidade esportiva Atletismo. Para demais modalidades a classificação considerada foi a da IBSA, ou seja, foram classificados em B1, B2 e B3.

Os locais que se realizaram os jogos e as modalidades envolvidas:

Os dados para esse estudo foram coletados e observados no 1º Jogos Escolares Brasileiros da Confederação Brasileira de Desportos para Cegos e Deficientes Visuais, realizados na cidade de São Paulo, entre os dias 12 e 15 de novembro de 2004, sob a organização da Confederação Brasileira de Desportos para Cegos. Participaram desse evento 215 atletas/alunos, que foram divididos em relação ao gênero, idade e classificação da deficiência, conforme citado anteriormente. Todos os participantes desse evento preencheram uma ficha de anamnese (em anexo).

Os locais dessa coleta, foram o Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa de São Paulo, para as modalidades de natação, goalball, futebol B1, judô e atletismo. E o Hotel Excelsior para a modalidade de xadrez. Todos localizados na cidade de São Paulo – SP, Brasil.

A equipe de apoio (staffs):

Para a realização desses jogos contou-se também com uma equipe de “voluntários”, que fizeram parte da equipe de apoio. Essa equipe era composta por alunos e ex-alunos da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, na sua grande maioria.

Eles auxiliaram desde a recepção dos participantes, como também nas refeições, no andamento das competições em aspectos técnicos específicos e gerais, e inclusive para o registro e desenvolvimento de pesquisas acadêmicas-científicas.

Os dados:

Os dados e as informações relativos aos jogos foram coletados a partir de documentos da CBDC, como relatórios, ofícios e projetos que fizeram parte desse evento. Tais documentos encontram-se catalogados e armazenados na própria sede da CBDC, na cidade de São Paulo – SP, atualmente. Encontram-se também, parte desses documentos e informações relativas aos Jogos Escolares para Deficientes Visuais, disponíveis no site da CBDC, da IBSA e do CPB. Além da observação feita diretamente nos dias da realização dos jogos.

1.1.3 Procedimentos adotados para análise/avaliação do evento:

Participação no evento como observador e coleta de informações, e posteriormente a análise dos documentos: relatórios de atividades por modalidades, boletim elaborado por cada coordenador de modalidade e as inscrições feitas dos atletas, para o conhecimento de quantos, de fato, participaram desse evento.

Assim, os documentos foram analisados e, após a descrição das atividades, fizemos uma análise dos objetivos propostos anteriormente à realização do evento e o que de fato ocorreu no mesmo. Isso foi feito em relação aos objetivos, a competição em si e a participação dos atletas na mesma.

2 Deficiência Visual

2.1 Definição e classificação da deficiência visual.

Parece simples e fácil definirmos a deficiência visual, porém, temos atualmente várias definições, e a maioria relacionada à pessoa que possui algum comprometimento da visão.

Segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), a deficiência visual apresenta-se dividida em duas classes visuais, sendo elas definidas a partir de sua capacidade funcional: a cegueira, apresentando-se como aquela com acuidade inferior a 3/60 metros e campo visual inferior a 10 graus, ambos no melhor olho de correção; e a baixa visão corresponde à acuidade visual entre 3/60 e 6/18 metros no olho com melhor acuidade visual e utilizando a melhor correção oftalmológica. (OMS, 2005)

A deficiência visual é caracterizada pela perda parcial ou total da capacidade visual em ambos os olhos, avaliados após a melhor correção ótica ou cirúrgica, levando o indivíduo a uma limitação em seu desempenho habitual (MELO, 1986).

Para esse estudo será adotada a deficiência visual como sendo “... um impedimento total ou a diminuição da capacidade visual decorrente de imperfeição no órgão ou no sistema visual.” (SE/CEMP, 1993 apud ALMEIDA; CONDE, 2002).

Dessa forma consideramos as pessoas com deficiência visual aquelas que apresentam um comprometimento severo da capacidade visual, mesmo com a utilização de óculos ou lentes especiais para a sua correção.

Para Mir (2004, p.15),

a expressão deficiente visual é utilizada para referir-se de uma maneira ampla àquelas pessoas que, apresentam uma capacidade visual reduzida, devido a uma alteração na estrutura ou no funcionamento do órgão da visão, seja qual for a sua natureza, ou suas conseqüências.

A classificação da deficiência visual se dá em diversos âmbitos, e varia de estudo para estudo, em função dos seus objetivos. A classificação legal é aquela que assegura ao deficiente os seus direitos em programas de assistência junto à previdência social.

A classificação educacional está relacionada com o tipo da deficiência visual da pessoa, podendo ser ela classificada em pessoas com cegueira e de baixa visão. A primeira corresponde à pessoa que necessita do recurso em Braille para a sua alfabetização (BARRAGA, 1985 apud MUNSTER, 2004); e a pessoa com baixa visão aquela que possui dificuldade em desempenhar tarefas visuais, mesmo com prescrição de lentes corretivas, mas que pode aprimorar sua capacidade de realizar tais tarefas com a utilização de estratégias visuais compensatórias, baixa visão e outros recursos, e modificações ambientais. (CORN; KOENIG, 1996 apud MUNSTER, 2004).

A classificação esportiva é fundamentada nas regras da *International Blind Sports Federation* – IBSA e é dividida em três classes:

- B1: são aqueles que não possuem nenhuma percepção de luz em qualquer um dos olhos, até a percepção de luz, mas a incapacidade de reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância ou em qualquer direção;
- B2: são os que apresentam a capacidade de reconhecer o formato de uma mão até a acuidade visual de 2/60 metros e/ou campo visual de até 5 graus;
- B3: os que possuem acuidade visual de 2/60 até 6/60 metros, e campo visual de até 20 graus. (IBSA – 2005).

Ressaltamos ainda que a classificação esportiva, em competições internacionais é realizada por médicos e profissionais especializados da IBSA, e a verificação dessa classificação ocorre antes das competições organizadas por esse órgão.

Em relação à cegueira, podemos dizer que ela pode ser congênita ou tardia (adquirida). A cegueira congênita ocorre quando a pessoa nasce cega, ou seja, não dispôs de experiências visuais, e a cegueira tardia (adquirida) quando a pessoa teve um comprometimento na visão, após o nascimento e certa experiência da capacidade visual. (COBO, RODRÍGUES E BUENO, 2003).

Assim, a classificação das pessoas com deficiência visual torna-se importante, pois é a partir daí que se inicia o planejamento do processo pedagógico de ensino-aprendizagem,

para que essa pessoa possa usufruir a melhor forma possível do seu resíduo visual no contato com o meio e com outras pessoas, ou então, no caso da pessoa cega, que esta seja auxiliada de forma correta dentro das suas condições e possibilidades. Evitando assim que se criem traumas e situações embaraçosas para ela.

Desta forma, a pessoa com deficiência visual pode e deve realizar atividades físicas, porém, é necessário que se tome cuidado em relação ao grau de sua deficiência, procurando adaptar da melhor forma, às condições ambientais, a prática de atividades para esse indivíduo.

Essa nossa preocupação vai ao encontro com o que nos mostra um estudo recente sobre a apresentação da classificação elaborada pela CIF (Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde), que faz parte das classificações desenvolvidas pela OMS. Ela tem como objetivo substituir o enfoque negativo da deficiência e da incapacidade por uma perspectiva positiva, considerando as atividades que um indivíduo que apresenta alterações de função e/ou da estrutura do corpo pode desempenhar, assim como a sua participação social. (FARIAS; BUCHALLA, 2005. p.187).

2.2 Características das pessoas com deficiência visual.

Algumas características das pessoas com deficiência visual adquirida, são: 1) sentem-se incapazes de caminhar, 2) de se locomover, 3) perdem a segurança. Estas características, muitas vezes, os levam ao sedentarismo. Segundo Turrini (1996, p.3) “O medo, a insegurança, a tensão dos músculos, pela falta da percepção visual, provocam uma marcha desritmada, sem flexibilidade, levando muitas vezes a uma falta de equilíbrio”.

Segundo Adams et al (1985, p.176):

Os defeitos posturais comuns dos deficientes visuais são cifose, estômago saliente com lordose correspondente e inclinação da cabeça (para trás ou para frente). Essa postura é frequentemente chamada de ‘corcunda’. A inclinação da cabeça, na maioria das vezes, resulta do fato de o indivíduo ter ou ter tido alguma percepção da luz ou uma baixa acuidade visual em um dos olhos e estar tentando focalizar este olho.

Essa má postura muitas vezes é acentuada pela rigidez do tronco e dos movimentos de marcha, cabeça baixa ou levantada, acarretando em um desnivelamento do ombro e, conseqüentemente, a um comprometimento da coluna vertebral.

Craft e Lieberman (2004, p.184) citam hábitos como o de balançar o corpo, acenar com a mão, agitar os dedos ou introduzi-los no olho, como exemplos de movimentos repetitivos que algumas pessoas com deficiência visual ou deficiências múltiplas também desenvolvem. Esses movimentos, segundo Tröster, Brambring e Beelmann (1991), são conhecidos também como maneirismos, ou auto-estimulação, e podem ocorrer devido à insegurança, ou ao nervosismo, que fazem parte da postura que essas pessoas possuem.

As pessoas com deficiência visual muitas vezes possuem um repertório motor defasado (pobre), podendo isso ser decorrente da super proteção dos pais, amigos e professores, o que pode causar medo e insegurança, levando-os a desenvolverem certa dependência para agir e tomar atitudes em relação a sua vida.

Segundo Craft e Lieberman (2004, p.184) essa *super proteção* costuma acarretar a redução do número de oportunidades para tais alunos explorarem o ambiente com liberdade, o que pode causar atrasos no desenvolvimento perceptivo, motor e cognitivo. Caminhando ainda nesse sentido, as autoras acima fazem menção como contribuição também para o atraso motor, as reduzidas “brincadeiras de mãos” com os pais, pois a falta da visão acarreta a falta de oportunidade delas observarem os outros se movimentando, não tendo como base a ação de imitar, os movimentos e as expressões faciais dos outros.

Para Tröster, Hermer, Brambring, (1994) as limitações causadas pelo impedimento visual estão na estimulação motora – interação com os pais, aquisição de base emocional e motivacional para expandir o repertório motor – e no desenvolvimento de pré-requisitos cognitivos para habilidades motoras finas e locomotoras.

Ainda em relação às características das pessoas com deficiência visual, algumas dessas possuem dificuldade na locomoção independente, ou seja, dependem do auxílio de outras pessoas para irem a um determinado local. Algumas instituições oferecem o programa de orientação e mobilidade, que fazem com que esses indivíduos consigam ter a sua autonomia de uma forma geral, tanto em relação à locomoção, na busca da diminuição da insegurança dessas pessoas de saírem à rua, como também na contribuição desse programa no

desenvolvimento motor e geral da pessoa, pois essas acabam tendo contato com outras pessoas, e diante da locomoção independente são capazes de conhecer lugares diferentes e se integrem na sociedade de uma forma mais efetiva.

Quanto antes for detectado a deficiência visual na criança, melhor será o seu desenvolvimento, pois os processos de ensino-aprendizagem terão maior efeito e contribuição para que a criança apresente um desenvolvimento muito próximo ao da criança normal, pois poderá ter estímulos específicos para o seu melhor desenvolvimento. Segundo Fazzi et al (2002) a estimulação sonora e a intervenção individualizada precocemente, a partir das necessidades da criança com deficiência visual podem levá-la a um nível de experiência motora e organização mental que venha a suprir essa limitação exploratória.

Assim, a Educação Física e os Esportes, a partir de suas intervenções, podem cooperar com o desenvolvimento motor. Nesse sentido, tais intervenções devem se iniciar o quanto antes possível.

2.3 Alguns cuidados necessários para o trabalho com essa população

Por faltar o sentido da visão nessas pessoas, alguns cuidados se fazem necessários para a prática esportiva. Como foram tratados anteriormente, alguns sentidos são mais requisitados que outros para se obter as informações do meio de um modo geral, ou seja, algumas são passadas verbalmente e outras através do tato, ou ambas, na ausência da informação visual.

Segundo Almeida e Oliveira Filho (2001, p.84) “essas informações táteis e auditivas são tratadas como elementos propiciadores para uma conduta facilitadora ao desenvolvimento de estratégias de ensino-aprendizagem para pessoas com deficiência visual”.

As informações auditivas são divididas em verbal-explicativa e sinalética, sendo a primeira de caráter explicativo e informativo, onde o aluno tem as informações através da explicação oral; e a segunda, através de sinais sonoros, podendo estes serem inclusive vocais, para que o aluno seja orientado e consiga se localizar espacialmente. As informações táteis estão divididas em diretas e indiretas; as diretas são as informações passadas pelo professor em contato com o aluno, auxiliando-o quando este tentar executar o movimento ou posicionamento (professor-aluno), ou então lhe demonstrando o movimento ou posição de maneira que o aluno interprete-o, tocando no professor (aluno-professor). As indiretas, são as informações

interpretadas pelo aluno através de contato com o material, instrumento ou local, ou seja, através das informações colhidas do meio. (MUNSTER, 2004).

Por exemplo, numa corrida, o aluno pode correr com um outro aluno ao seu lado, fornecendo-lhe informações (verbal-explicativa), ou então, se eles estiverem ligados por uma “cordinha”, essa “cordinha” poderia ser um pedaço de cadarço, ou até mesmo, um pedaço de barbante, em uma extremidade estaria na mão do aluno vidente e, a outra, na mão do aluno com deficiência visual, o tipo de mecanismo de informação utilizado torna-se tátil indireta. Porém, se o guia (professor) estiver emitindo sinais sonoros em um determinado local, essa se torna um tipo de mecanismo de informação auditiva sinalética, pois servirá para que o aluno se localize no espaço.

Lembramos ainda, que a quantidade de informações (auditivas e/ou táteis) dependerá de alguns fatores como:

- 1) O Objetivo do aprendizado: se é iniciação ou treinamento especializado. Na iniciação, por exemplo, é importante, por vezes, que haja o máximo de informações e de toda natureza, para que, inclusive, não ocorram riscos desnecessários aos alunos e aqueles que o cercam durante certas atividades.
- 2) O objetivo de modalidade: no atletismo ou natação, por exemplo, durante a sua prática no contexto convencional, o menor número de informações é esperado para que haja mais independência e autonomia possível. Já no goalball ou futebol, há necessidade de se aprender a conviver com várias informações quase que simultaneamente, estas retiradas do meio (linhas em relevo no goalball ou bandas laterais no futebol) ou dos colegas de equipe (posicionamento em quadra; localização para defesa ou ataque, da bola).

Devemos ter cuidado também com as informações sobre o local que será ou que está sendo utilizado para a prática esportiva. O aluno deve ter o máximo de informações possíveis também sobre as dimensões do local de jogo, competição, aprendizado e do local que o cerca, tal como escadas, grades, enfim, todo o ambiente de prática e seus arredores devem ser entendidos e de domínio dos alunos. Para isso, seria ideal que o aluno fizesse o reconhecimento do lugar, e de preferência com uma pessoa vidente para lhe passar as informações com o maior número de detalhes pretendidos e possíveis.

Assim, para Craft e Lieberman (2004, p.186), “o componente que falta para o desenvolvimento dos padrões normais de movimento e de condicionamento físico de alunos com

deficiência visual é a experiência, e não a capacidade”. Se a falta de experiência, e não a capacidade estiver atrasando o desenvolvimento motor das pessoas com deficiência visual, promover tais experiências motoras, estímulos e motivação aos alunos, são responsabilidade do professor de educação física e do programa que se preconiza.

Diante dessas informações, podemos dizer que somos responsáveis, em parte, para que o aluno, com deficiência visual possa ter um ganho motor através da vivência de atividades esportivas, estas, as mais variadas possíveis. Promover a sua integração entre os alunos e destes com todas as modalidades possíveis, também é de responsabilidade do corpo docente e programas administrativos educativos.

3 Desenvolvimento e Desenvolvimento Motor

Tendo em vista, cada vez mais, a clareza sobre as possibilidades e potencialidades das pessoas deficientes, viu-se a necessidade de certas reflexões sobre o desenvolvimento e desenvolvimento motor sem que, contudo, envolver-nos com estudos muito profundos sobre tal temática, ou seja, buscaremos nesse capítulo informações gerais adequadas e que possam dar suporte ao tema central desta pesquisa.

3.1 Desenvolvimento

Quando falamos em desenvolvimento devemos lembrar que o ser humano é um ser único e o seu desenvolvimento ocorre em todos os âmbitos: social, cognitivo, motor e afetivo.

Segundo Haywood e Getchell (2004, p.18) “o desenvolvimento é um processo contínuo de mudanças da capacidade funcional, está relacionado à idade e é uma mudança seqüencial.”

Gallahue e Ozmun (2001, p. 6) “dizem que o desenvolvimento é um processo permanente que se inicia na concepção e cessa somente com a morte”. O desenvolvimento inclui todos os aspectos do comportamento humano e, como resultado, somente artificialmente pode ser separado em “áreas”, “fases” ou “faixas etárias”. Acrescentam ainda, tal como pudemos observar nas reflexões de Haywood e Getchell (2004), que o desenvolvimento motor “está relacionado à idade,...mas não depende dela.”

Podemos dizer assim que o desenvolvimento está relacionado aos fatores (modificações) externos e internos, pelo qual o indivíduo está submetido ao longo da sua vida, sendo os responsáveis no geral, pelo bom ou mau desenvolvimento do indivíduo.

Nesse sentido, ao pensarmos em pessoas com deficiência, mesmo que congênitas, logo as relacionamos com os inúmeros enfrentamentos e necessidades de adaptações para um convívio social integrado e que cada vez mais tem sido despertado, quer seja pelas oportunidades ou ainda pelas “provocações”, frutos do reconhecimento das possíveis potencialidades de atuação das pessoas deficientes no esporte, no trabalho, na escola etc.

3.2 Desenvolvimento Motor

Segundo Gallahue & Ozmun (2001, p.3) “o desenvolvimento motor é a contínua alteração no comportamento ao longo do ciclo da vida, realizado pela interação entre as necessidades da tarefa, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente”.

Malina & Bouchard (2002, p.163) apontam o desenvolvimento motor como sendo:

o processo pelo qual uma criança adquire padrões de movimento e habilidades. É caracterizado pela modificação contínua baseada na interação entre: - o processo de maturação neuromuscular que é provavelmente regulado geneticamente; - as características de crescimento e maturação da criança; - efeitos residuais de experiências motoras anteriores; e as novas experiências motoras per si.

Assim, segundo as idéias dos autores acima, o desenvolvimento motor está relacionado diretamente com as oportunidades que o indivíduo possui de interagir com o meio ambiente. Devemos lembrar que cada indivíduo é um ser único, pois ao nascermos, cada um possui as suas próprias percepções, e a interação dessas com o meio em que vivemos, auxilia no nosso desenvolvimento. Ao compararmos dois indivíduos da mesma idade, não necessariamente irão apresentar níveis de desenvolvimento iguais, pois esse dependerá da quantidade de relações e vivências que cada um teve durante a sua vida.

“O desenvolvimento motor é área legítima de estudo que dissecas as áreas de fisiologia do exercício, biomecânica, aprendizado motor e controle motor, bem como as áreas da psicologia desenvolvimentista e psicologia social.”, segundo Gallahue e Ozmun (2001, p.4). Ao longo dos anos, o desenvolvimento motor foi pesquisado e estudado em várias áreas, atualmente é de grande auxílio na área da atividade física por apontar, através do seu estudo, questões referentes ao desempenho físico (motor) do indivíduo.

Na busca de informações relacionadas ao desenvolvimento motor, nos deparamos também com palavras como habilidades motoras, desempenho motor e padrões motores. A forma como se define cada um desses termos, difere de autor para autor, assim, habilidade motora para, Magill (2000, p.7), “é uma habilidade que exige movimentos voluntários do corpo e/ou dos membros para atingir o objetivo”. Já para Gallahue e Ozmun (2001, p.20):

a habilidade motora é um termo abrangente que agrupa as três categorias de movimento (locomoção, manipulação e equilíbrio). O estudo das habilidades motoras orienta-se para o processo, compreendendo a observação da mecânica do movimento e a tentativa de entender as causas subjacentes que o alteram.

O movimento estabilizador é, essencialmente, qualquer movimento no qual algum grau de equilíbrio é claramente enunciado. A categoria locomotora refere-se a movimentos que envolvem mudanças na localização do corpo; encontra-se nessa categoria atividades como caminhar, correr, pular, saltar um obstáculo etc. A categoria de movimento manipulativo refere-se tanto a manipulação (tanto com as mãos quanto com os pés) motora rudimentar quanto à manipulação motora refinada. A aplicação de força ou a recepção de objetos, como por exemplo, as tarefas de arremessar, apanhar, chutar e derrubar um objeto, bem como prender e rebater, são movimentos classificados como manipulativos motores rudimentares, já a manipulação motora refinada envolve movimentos de costurar, cortar com tesouras, digitar e exercícios especializados como arremessar ou fazer um passe certo com a bola, por exemplo.

Ainda segundo esse autor, essas três categorias de movimento apresentam-se em quatro fases de desenvolvimento, sendo elas a fase motora reflexiva, fase de movimentos rudimentares, fase de movimentos fundamentais e fase de movimentos especializados.

A fase motora reflexiva abrange dois estágios: o estágio de codificação de informações e o estágio de decodificação de informações. O primeiro caracteriza-se “pela atividade motora involuntária observável no período fetal até o quarto mês do período pós-natal.” (GALLAHUE e OZMUN, 2001, p. 101). É nessa fase que os centros cerebrais são capazes de causar reações involuntárias a inúmeros estímulos de intensidade e duração variada e assim os reflexos, servem de meio para que o bebê seja capaz de reunir informações na busca de alimento e de proteção ao longo do movimento.

Já o estágio de decodificação de informações começa aproximadamente no quarto mês de vida, nesse estágio o desenvolvimento do controle voluntário dos movimentos esqueléticos do bebê envolve o processamento de estímulos sensoriais com informações armazenadas, não simplesmente reação aos estímulos. (2001, p. 101).

Durante a fase motora reflexiva, o bebê já adquire conhecimento sobre o seu corpo e o ambiente externo, e ocorre também a aquisição dos reflexos primitivos e dos reflexos posturais. O primeiro está relacionado com os movimentos de sobrevivência do recém-nascido, e

o segundo relacionado com a aquisição de informações que serão utilizados posteriormente para o ato de locomoção, envolvendo em específico a questão postural.

A fase de movimentos rudimentares, assim como a fase motora reflexiva também apresenta dois estágios: o de inibição de reflexos e o estágio de pré-controle.

O estágio de inibição de reflexos inicia-se no nascimento e nesse estágio os movimentos reflexos são substituídos gradualmente pelos movimentos voluntários, devido ao desenvolvimento do córtex. “O movimento voluntário é fragilmente diferenciado e integrado porque o aparato neuromotor do bebê está ainda em estágio rudimentar de desenvolvimento” (GALLAHUE E OZMUN, 2001, p. 102). O processo de movimentar qualquer membro em relação a um objeto ou estímulo apresenta ainda falta de controle, apesar dele já ser um movimento voluntário.

O estágio de pré-controle ocorre por volta de um ano de idade e as crianças começam a ter maior precisão e controle sobre seus movimentos. Nesse estágio as crianças aprendem a manter e obter equilíbrio, manipular objetos e locomover-se com grande controle e domínio corporal, estando relacionado ao processo maturacional.

A fase de movimentos fundamentais apresenta-se em três estágios separados, porém sobrepostos freqüentemente. São eles: o estágio inicial, elementar e maduro.

1. “O estágio inicial de uma fase de movimentos fundamentais representa as primeiras tentativas da criança, orientadas para o objetivo de desempenhar uma habilidade fundamental”. (GALLAHUE E OZMUN, 2001, p. 104). O movimento é marcado pelo uso exagerado do corpo e por fluxo rítmico e coordenação deficiente. Assim, os movimentos locomotores, estabilizadores e manipulativos das crianças de 2 anos de idade apresentam-se nesse estágio inicial.

2. O estágio elementar envolve maior controle e melhor coordenação rítmica dos movimentos fundamentais. Apesar de serem mais coordenados, os padrões de movimentos ainda são geralmente exagerados ou restritos. As crianças de 3 e 4 anos apresentam inúmeros movimentos fundamentais nesse estágio, podendo ainda, indivíduos tanto adultos como crianças, não avançarem além desse estágio elementar em muitos padrões de movimentos. Isto é uma das

características comuns em pessoas com deficiência visual, uma vez que um dos fatores que podem determinar esse avanço está relacionado a estimulação e oportunidades.

3. O estágio maduro é caracterizado pelo desempenho eficiente, coordenado e controlado dos movimentos. Gallahue e Ozmun (2001, p.104) “dizem que a maioria dos dados disponíveis sobre a aquisição de habilidades motoras fundamentais sugere que as crianças podem e devem atingir o estágio maduro aos cinco ou seis anos de idade”. Também afirmam a necessidade de proporcionar às crianças, oportunidades para a prática, o encorajamento e a instrução em um ambiente que promova o aprendizado, pois, sem essas oportunidades, torna-se impossível um indivíduo atingir o estágio maduro de certas habilidades nessa fase.

Dessa forma, as “habilidades motoras fundamentais” da primeira infância, que corresponde a faixa etária do nascimento aos 6 anos de idade, são consequência da fase de movimentos rudimentares do período neonatal. Nessa fase as crianças através da exploração e experimentação das capacidades motoras de seus corpos, adquirem conhecimento para desempenharem uma variedade de movimentos estabilizadores, locomotores e manipulativos. No primeiro momento, de forma isolada e, depois, de forma combinada.

Os padrões de movimento fundamentais são padrões observáveis básicos de comportamento. Atividades locomotoras (correr e pular), manipulativas (arremessar e apanhar) e estabilizadoras (equilíbrio em um pé só) são exemplos de movimentos fundamentais que devem ser desenvolvidos nos primeiros anos de vida. (GALLAHUE & OZMUN, 2001, p. 103).

E independente de se possuir (tendo em vista o foco dessa pesquisa) uma deficiência sensorial como a ausência total ou parcial da visão.

Na fase de movimentos especializados o movimento torna-se uma ferramenta para ser utilizada em atividades motoras mais complexas. É um período em que as habilidades estabilizadoras, locomotoras e manipulativas fundamentais estão mais refinadas, ou seja, os movimentos possuem uma precisão e coordenação mais apuradas e são usadas em situações mais exigentes. É nessa fase que se concentram os sujeitos dessa pesquisa e, portanto aqui nos dirigiremos com maior ênfase, parte das nossas discussões sobre nossa pesquisa, porém, relembremos a idéia de que todas as fases estariam interligadas. Sendo assim, pensar no

desenvolvimento motor de uma criança deficiente visual, é somar a esta fase de movimentos especializados, todas as possibilidades e conseqüências adquiridas e oferecidas, ou não, nas outras fases que precedem a dos movimentos especializados.

Nesse sentido, o entendimento, mesmo que de forma generalizada, de todas as fases que compõem o desenvolvimento motor, é essencial para futuras reflexões dos atletas/alunos que participaram do Iº Jogos Escolares Brasileiros da CBDC.

Faz-se saber, assim, que essa fase também se encontra dividida em três estágios, sendo eles: transitório, de aplicação e de utilização permanente.

1. O estágio transitório: nesse estágio a criança nos seus 7 ou 8 anos de idade, combina e aplica habilidades motoras fundamentais ao desempenho de habilidades especializadas no esporte e em ambientes recreativos; essa aplicação e a melhora das habilidades continua dos 9 aos 10 anos de idade. Os pais, professores e treinadores devem ajudar a criança a aumentar tanto o controle motor quanto a competência motora nas inúmeras atividades que se faz presente; e isto é um indicativo diferencial a ser observado entre as crianças deficientes visuais, visto que de certa forma a qualificação e especialização do profissional de Educação Física na área de atividade motora adaptada, é relativamente recente em nossa cultura.

2. O estágio de aplicação ocorre aproximadamente dos 11 aos 13 anos, há ênfase crescente na forma, habilidade, precisão e nos aspectos quantitativos do desempenho motor. Segundo Gallahue e Ozmun (2001, p.106):

no estágio de aplicação, a sofisticação cognitiva crescente e certa base ampliada de experiências tornam o indivíduo capaz de tomar numerosas decisões de aprendizado e de participação baseadas em muitos fatores de tarefa, individuais e ambientais.

Há ênfase crescente nos aspectos gerais, e nos aspectos quantitativos do desempenho motor. Portanto, o conhecimento global pode ser considerado uma importante base e, conseqüentemente, a idéia de oferecermos experiências motoras significativas para os deficientes visuais, relaciona-se a idéia de também ampliar os aspectos cognitivos.

3. O estágio de utilização permanente da fase especializada de desenvolvimento motor começa por volta dos 14 anos de idade e continua por toda a vida adulta, e é caracterizado pelo uso do repertório de movimentos adquiridos pelo indivíduo. por toda a vida. Segundo Gallahue e Ozmun (2001, p.107)

O nível de desempenho permanente de um indivíduo pode variar desde o status profissional e olímpico até competições universitárias e escolares, incluindo a participação em habilidades organizadas ou não-organizadas, competitivas ou cooperativas, esportivas recreacionais ou da simples vida diária.

O nível de aquisição de habilidades motoras é variável desde o período pós-natal até o final da vida. É importante que o indivíduo, receba oportunidades adicionais para a prática, o encorajamento e a instrução em um ambiente propício ao aprendizado, pois terá dessa forma uma maior possibilidade de adquirir habilidades motoras, de uma forma a ter vantagens sobre os que tiverem essa oportunidade escassa. (Gallahue e Ozmun, 2001).

Manuel (2005, p. 36), “aponta essas fases como fase dos movimentos fetais; fase dos movimentos reativos e espontâneos; fase de ações motoras básicas; fase de combinação das ações motoras básicas e fase de ações motoras especializadas”.

As fases descritas pelos autores, nos dão suporte para afirmar que o indivíduo, durante o seu desenvolvimento, passa por fases, sendo essas interligadas uma com a outra. Se a criança não tiver uma vivência, ou tiver uma vivência deficitária, de possibilidades de habilidades motoras, o seu desenvolvimento estará defasado em relação a uma criança que tenha vivenciado tais habilidades em suas fases normalmente. É o caso, por exemplo, dos indivíduos com deficiência visual, que tem o seu desenvolvimento “defasado” muitas vezes, pela falta da captação e oportunidades de obter informações do meio que se vive, porém, se estimulados adequadamente em relação às fases que engloba o desenvolvimento, esse poderá ser semelhante ao de uma criança dita “normal”.

3.3 O Desenvolvimento Motor de indivíduos com deficiência visual.

Segundo Gallahue e Ozmun (2001, p.213), “os estudantes de desenvolvimento motor devem interessar-se pelo desenvolvimento perceptivo por causa da importante relação entre os processos perceptivos e motor”. Para obter informações sobre o mundo externo, devemos

confiar em nossos vários sentidos, ou seja, nossos estímulos visuais, auditivos, olfativos, gustativos, táteis e cinéticos.

Tanto Magill (2000), Gallahue (2004), Haywood e Getchell (2004), como Schmidt e Wrisberg (2001) colocam a visão como o meio mais significativo, importante para a aquisição das habilidades motoras, devido a grande quantidade de informações que a visão retira do ambiente. Assim sendo, segundo Magill (2000, p. 61) “De todos os sistemas sensoriais, os seres humanos tendem a utilizar e confiar principalmente na visão”. Pois é ela que nos fornece informações precisas do meio em que vivemos, nos alerta para possíveis obstáculos e irregularidades do solo, como exemplo.

No sentido da colaboração da visão para desenvolvimento do indivíduo, Weineck (2005, p.74) diz que “principalmente na primeira infância – a criança amplia a sua gama de movimentos principalmente mediante o aprendizado por imitação – o controle visual do processo de aprendizagem é de grande importância”.

Schmidt e Wrisberg (2001, p.104):

coloca que a fonte de informação exteroceptiva é a visão. A visão oferece uma base para a nossa antecipação de eventos que acontecerão. A visão também nos oferece informações sobre o movimento de objetos no ambiente, tal como a trajetória e a velocidade de um objeto que se aproxima, como uma bola, um metrô ou um cachorro feroz.

Outra função da visão é detectar os aspectos espaciais e temporais dos nossos próprios movimentos no ambiente, tal como balançar um taco, entrar em um trem ou saltar uma cerca.

Segundo Weineck (2005, p. 62) “no início de um processo de aprendizagem psicomotora dominam as informações visuais e verbais; depois, as informações do analisador cinestésico passam a desempenhar um papel cada vez mais importante”.

Ainda nesse sentido, o mesmo autor aponta os reflexos propioceptivos como um importante ponto a ser considerado quando se fala em coordenação motora, sendo os

proprioceptores, os receptores do músculo, tendões e articulações é que comunicam ao sistema nervoso a posição e o estado do corpo e de suas extremidades, no espaço. (WEINECK, 2005).

Sabemos que a prática da atividade física é importante para o desenvolvimento de todos os indivíduos, em especial para os indivíduos com deficiência visual, uma vez que o desenvolvimento se dá nos três âmbitos: desenvolvimento físico, cognitivo e social.

Hyvarinen (1991, p.4) diz que “nos últimos anos aprendemos como são importantes os primeiros meses de vida para o desenvolvimento normal da visão; e como é essencial o papel da visão para o desenvolvimento normal de uma criança.”. Como apontado acima por vários autores a visão é considerada como o principal meio de captar as informações do meio ambiente, assim, torna-se imprescindível o bom desenvolvimento da visão para que a criança possa apresentar um bom desenvolvimento proveniente das informações coletadas por ela.

Dessa forma podemos dizer o quanto é importante a estimulação das crianças com deficiência visual, tão logo seja do conhecimento dos pais, professores, para que a criança possa ter o maior número de possibilidades a serem vivenciadas para o seu bom desenvolvimento. Nesse sentido Hyvarinen cita “uma criança deficiente visual necessita do mesmo fundamento de experiências para ser capaz de construir seus conceitos do mundo à sua volta. O conceito de espaço e a habilidade de orientação são necessários para ela aprender a se locomover, do contrário, andar torna-se uma função motora dependente da ajuda de um adulto”.

Segundo Hyvarinen (1991, p. 32):

a partir do 3º mês de vida, a visão é o canal sensorial mais importante para o aprendizado à distância. Se este canal for deficiente ou ausente, a criança deve construir o seu mundo com a informação disponível através da audição, do tato, da cinestesia, do olfato e do paladar.

Atualmente os estudos apontam para uma tendência à inclusão das pessoas com deficiência dentro da sociedade, o que poderia facilitar bastante esse processo; seria o ganho da independência pessoal, principalmente para a locomoção. No caso da pessoa com deficiência visual esses ganhos da locomoção estão relacionados diretamente com a bagagem motora e das diversas possibilidades por ela vivenciadas, proporcionando-lhe uma independência pessoal que contribuiria de forma efetiva para que ela se adaptasse a sociedade e esta a ela também.

Gallahue e Ozmun nos lembram que oportunidades restritas de movimentos e a privação de experiências têm mostrado repetidamente interferir nas habilidades das crianças para desempenhar tarefas desenvolvimentistas que são características de suas faixas etárias. (2001, p.62)

Assim, uma das grandes diferenças ao observarmos o desenvolvimento da criança dita normal e a com deficiência visual, encontramos na citação de Gallahue e Ozmun:

... a criança pequena gradualmente progride de movimentos restritos e mal definidos, quando tenta agarrar um objeto, para comportamentos de alcançar e agarrar mais maduros e visualmente orientados. A diferenciação de movimentos de braços, mãos e dedos, seguidos pela integração do uso dos olhos com os movimentos da mão para desempenhar tarefas de coordenação entre olhos e mãos são cruciais para o desenvolvimento normal. (2001, p.98)

Ainda segundo esses autores:

o processo de desenvolvimento motor revela-se basicamente por alterações no comportamento motor. Podemos observar diferenças desenvolvimentistas no comportamento motor, provocadas por fatores próprios do indivíduo (biologia), do ambiente (experiência) e da tarefa em si (físicos/mecânicos). Podemos fazer isso pela observação das alterações no processo (forma) e no produto (desempenho). (2001, p.98).

Assim, Ponchillia, Strause e Ponchillia (2002) apontam como conseqüências da falta da participação nos esportes das crianças com deficiência visual, um físico deficitário e habilidade física limitada, decorrente da falta de oportunidades vivenciadas e proporcionada a elas.

A prática esportiva, portanto, pode ser um dos meios para se obter um desenvolvimento maior, desenvolvimento este que, implica não apenas no aspecto motor, mas também cognitivo e afetivo, principalmente se pensarmos, assim, no papel da escola enquanto espaço educativo e que utiliza o esporte como um de seus conteúdos pedagógicos.

4 Jogos Escolares

Para falarmos dos Jogos Escolares em si, julgamos ser importante traçarmos o histórico e as diretrizes que a CBDC segue. Dessa forma, esse capítulo destinado aos jogos escolares, terá também a responsabilidade de apresentar a Confederação Brasileira de Desportos para Cegos, tão citada até este momento, para que possamos melhor identificar a importância e finalidade da possível conexão entre tal Instituição e os objetivos dessa pesquisa como, por exemplo, a identidade didática, pedagógica, técnica e social que circundam e que se expandem diante do tema desenvolvimento motor através do esporte.

4.1 Um breve histórico da C.B.D.C - Confederação Brasileira de Desportos para Cegos.

A CBDC – Confederação Brasileira de Desportos para Cegos, foi fundada inicialmente com o nome de Associação Brasileira de Desportos para Cegos – ABDC, em 19 de janeiro de 1984. Porém antes da sua efetiva criação, a movimentação de pessoas que pudessem coordenar o esporte para cegos no Brasil, teve início em 1980. Houve diversos Campeonatos de futebol para cegos em 1982 e 1983, o que ajudou na aceleração da fundação da CBDC.

O seu nome foi modificado em 15 de dezembro de 2005, após reunião e votação em Assembléia, de ABDC para CBDC, justificando e adequando a terminologia Confederação frente as propostas de exigência legal.

Ela se apresenta da seguinte forma no Estatuto Interno da CBDC, **Capítulo I, ART 1º** A Confederação Brasileira de Desportos para Cegos - CBDC, fundada em 19 de Janeiro de 1984, na cidade do Rio de Janeiro - RJ, com o nome de Associação Brasileira de Desportos para Cegos – ABDC, de acordo com o Art. 186 do Decreto 80228 de 25 de Agosto de 1977, e das Resoluções 14/83 e 01/84 do Conselho Nacional de Desportos CND, é uma Sociedade Civil de interesse público, na forma da legislação vigente, constituída sem fins lucrativos, que congrega Entidades de e/ou para Cegos ou pessoas de baixa visão, Federações estaduais e regionais, Ligas municipais e demais pessoas jurídicas que desenvolvam a prática desportiva para pessoas cegas ou de baixa visão, de acordo com a classificação esportiva internacional, constituindo-se em uma Entidade de Administração Nacional do Desporto, com personalidade jurídica e patrimônio próprio. (CBDC – 2006 A)

A C.B.D.C tem como objetivos:

- Massificar a prática esportiva
- Desenvolver o desporto de rendimento
- Garantir e exercer a representatividade nacional e internacional
- Contribuir para a formação do atleta cidadão
- Envolver a família e a sociedade em geral
- Qualificar os profissionais das áreas técnicas administrativas
- Divulgar o desporto praticado por atletas cegos e D.V.(C.B.D.C, 2006 A)

É reconhecida pela Legislação Brasileira como uma entidade de caráter confederativo, além de ser a única organização nacional afiliado à *International Blind Sports Federation - I.B.S.A*

Atualmente a C.B.D.C. tem a responsabilidade da gestão e desenvolvimento de 6 modalidades esportivas: atletismo, futsal (futebol de cinco), goalball, judô, natação e xadrez. Destas, apenas o goalball foi exclusivamente criada para pessoas com deficiência visual, sendo que as demais tiveram adaptações das regras oficiais de suas modalidades oficiais.

4.2 Missão, filosofias e políticas da CBDC

Ela, a CBDC, tem como missão dirigir, fomentar e desenvolver o desporto de cegos e deficientes visuais no Brasil, representando-o nacional e internacionalmente.

Como filosofias encontradas na CBDC, temos (FREIRE, 2006):

- Como princípios fundamentais, em todas as suas ações, a justiça, a honestidade, a ética e o respeito;
- Além da competência, compromisso e envolvimento são aspectos indispensáveis em todas as relações da CBDC;
- Em relação a todos aqueles que pertencem a causa, preza pela integração e harmonia;
- Acredita que a motivação e a confiança levam a superação de obstáculos e limites;

- Alegria, companheirismo, espírito esportivo, lealdade e convivência devem ser traços marcantes na CBDC;

- A força de atuação da CBDC tem sua sustentação na comunicação, trabalho em grupo e liberdade de expressão;

- Família, saúde, bem-estar e prazer são valores básicos da CBDC.

E como políticas ela está pautada em:

- A CBDC, utilizará de parâmetros éticos, com ênfase na transparência e pautará suas ações e instrumentos segundo os princípios de justiça, honestidade e respeito;

- A relação da CBDC com as entidades filiadas, atletas, técnicos, dirigentes, CPB, IBSA, Universidades, mídia, órgãos governamentais e demais parceiros estará calcada no compromisso e no envolvimento, buscando a competência em todas as suas ações;

- A CBDC, buscará em suas ações de marketing e comunicação a sua visibilidade e auto-sustentação, através de patrocínios, parcerias, apoios e permutas obedecendo a seus princípios filosóficos e privilegiando sua imagem institucional;

- A CBDC deverá desenvolver uma ação de ir ao encontro de sua clientela potencial no âmbito dos institutos especializados, centros de reabilitação e escolas, além de atender à toda demanda espontânea;

- A CBDC estabelecerá estratégias e ações voltadas ao fomento e desenvolvimento do desporto escolar;

- Estabelecerá estratégias esportivas através da massificação, da sondagem, de aptidões, do desenvolvimento de talentos, do aparelhamento humano e material;

- A CBDC, em paralelo as suas atividades fins, deixará evidente a sua preocupação com a formação do atleta cidadão;

- A CBDC tomará linhas de ação pró-ativas no apoio às entidades filiadas, bem como na capacitação de recursos humanos nas áreas técnicas e administrativas;

- A CBDC se preocupará com o registro de sua história e desenvolverá política voltada ao alto rendimento.

Como uma das metas da CBDC 11/2002 – 2/2005 encontramos a de: fomentar e desenvolver desporto escolar, buscando a realização anual de, no mínimo, dois eventos nacionais e o registro de um contingente de 1000 novos atletas; e como estratégia ao cumprimento dessa meta encontramos o desenvolvimento de projeto específico para o desporto

Escolar, com visitas, sondagens, apoios, aparelhamento e realização de eventos específicos, busca de apoio financeiro internacional (IBSA, UMC, ULA e outros) e nacional (CPB e outros).

Na busca para se atingir a meta do desenvolvimento do projeto para o Desporto Escolar, a CBDC encaminhou o projeto: Iº Jogos Escolares da ABDC (na ocasião), ao CPB, que garantiu o apoio financeiro necessário para a sua realização.

Desta forma a realização do 1º Jogos escolares se justifica pela busca da “renovação” dos atletas, e pela CBDC notar a falta de eventos voltados para este público em específico, fator motivacional para novas participações, e conseqüentemente a possibilidade de renovação e crescimento qualitativo da prática esportiva.

4.3 Preparação e resoluções em que se pautaram a realização dos Jogos

Para a realização dos jogos foi necessário que a CBDC se baseasse em algumas diretrizes e resoluções que diz respeito ao desporto escolar, ou até mesmo, criasse resoluções para que todos os participantes e entidades seguissem a mesma regra (regimento).

A Resolução da Diretoria (RDI) 006/2003 cria a categoria de **atleta do desporto escolar**, normatiza e regula a sua inscrição à ABDC e a sua participação em eventos oficiais. (FREIRE, 2006)

Assim a Diretoria da ABDC (na ocasião) resolve:

ART 1º - Fica criada a categoria de **ATLETA DO DESPORTO ESCOLAR**, com inscrição diferenciada junto à Secretaria Geral da ABDC.

Parágrafo 1º - Será considerado atleta do desporto escolar aquele que, inscrito através de uma entidade filiada, tiver menos de 18 anos ou completá-los no ano da inscrição;

Parágrafo 2º - Não haverá cobrança de qualquer taxa para a inscrição e transferência de atletas do desporto escolar;

Parágrafo 6º - Não haverá a necessidade da formalização da inscrição prévia, junto à Secretaria Geral da ABDC, dos atletas para as competições exclusivas do desporto escolar, podendo a mesma ser concretizada até o Congresso Técnico de cada evento. Essa regra não

desobriga às entidades participantes de enviarem os nomes e dados de todos os seus atletas quando da inscrição da entidade para o evento, e

Parágrafo 7º - O atleta já inscrito na ABDC por entidade filiada e que tenha 18 anos, ou menos, poderá participar das competições específicas do desporto escolar, havendo, contudo, a necessidade da apresentação dos documentos citados no inciso V, do ART. 2º e no ART. 3º desta RDI. (CBDC, 2006 B)

Neste artigo, percebe-se que o cuidado em propiciar a participação de pessoas com poucas oportunidades e bagagem motora, por vezes, não exclui o cuidado em adequar certa fase de desenvolvimento motor aos princípios do evento em questão.

ART 2º - Para a Inscrição de **ATLETAS DO DESPORTO ESCOLAR** será necessária a seguinte documentação:

1. Cópia autenticada do RG do atleta;
2. uma foto 3x4 colorida;
3. autorização assinada pelos pais, ou responsáveis;
4. preenchimento de formulário padrão para a inscrição de atletas do desporto escolar, firmado pela autoridade máxima da entidade filiada ou da instituição educacional a qual pertença o atleta e
5. declaração de matrícula e freqüência em estabelecimento educacional reconhecido.

Sobre o item 5 deste art. 2º, vale destacar a importância firmada pela CBDC sobre a real caracterização dos atletas/alunos enquanto pessoas com vínculo escolar; também sobre o reconhecimento de estabelecimentos escolares independentes de uma política educacional inclusiva e em escolas regulares e especiais.

ART 3º - Em todas as competições das quais os atletas do desporto escolar participarem, haverá a necessidade de documento firmado por seus pais dando conta de sua autorização específica para tal.

Parágrafo único – Essa exigência cessa quando o atleta completar 18 anos de idade. (CBDC, 2006 B)

E a Resolução de Diretoria 007/2003 Determina e discrimina as competências e as funções dos Coordenadores de Modalidades, dos Coordenadores de Desporto escolar, dos Técnicos Nacionais, dos Coordenadores Gerais de Eventos e dos Assessores Administrativos e Técnicos Regionais.

Vê-se neste artigo que tal como se preconiza no desenvolvimento qualitativo escolar, que a participação (de uma forma ou outra) da família, é imprescindível também nesta fase de desenvolvimento motor e, portanto, nas estratégias de ações escolhidas.

ART 2º - Aos Coordenadores de Desporto Escolar da ABDC, subordinados a sua Direção Técnica, compete:

1. Gerenciar o desporto escolar e infanto-juvenil no âmbito da ABDC, responsabilizando-se, solidariamente, pelo seu desenvolvimento técnico, pela implementação de política que permita o aumento de praticantes da modalidade e pela efetivação de seu calendário anual;
2. Efetivar e manter atualizadas as adaptações das regras e regulamentos do desporto escolar e infanto-juvenil, dando a devida divulgação;
3. Coordenar tecnicamente todos os eventos do desporto escolar e infanto-juvenil do calendário oficial da ABDC;
4. Empreender, solidariamente, esforços objetivando a capacitação de recursos humanos, na área técnica e no âmbito do desporto escolar infanto-juvenil;
5. Dirigir o Congresso Técnico dos eventos do desporto escolar e infanto-juvenil, distribuindo o regulamento da competição, as adaptações nas regras (quando houver), sua tabela e forma de disputa (quando couber), o programa horário e os demais documentos necessários. Responsabilizar-se pela realização dos possíveis sorteios de chaves, grupos e tabelas;
6. Indicar dois nomes para, junto ao coordenador de desporto escolar e infanto-juvenil e sob a sua presidência, constituírem a Comissão Disciplinar do evento;

7. Levar ao conhecimento da Direção Técnica da ABDC, para julgamento, todos os recursos de natureza técnica que por ventura surgirem e à Diretoria os de natureza administrativa, desde que as penalidades ultrapassem o período da competição;
8. Elaborar e distribuir os boletins parciais e finais da competição para todos os Chefes de Delegação e suas equipes;
9. Elaborar Relatório Final de cada evento, encaminhando-o a Direção Técnica da ABDC num prazo máximo de sete dias;
10. Participar das reuniões técnicas e administrativas junto à Direção da ABDC, quando convocado;
11. Manter contato com os técnicos e professores das entidades, encaminhando à ABDC qualquer necessidade de contato formal com as direções das mesmas;
12. Desenvolver, em conjunto com os Coordenadores de Modalidades, estratégias e ações, no âmbito do desporto escolar e infanto-juvenil;
13. Encaminhar à Direção de Comunicação da ABDC informações relativas ao desporto escolar e infanto-juvenil, visando a sua veiculação através do ABDCNEWS, da Internet e de outras formas e estratégias que estiverem disponibilizadas;
14. Participar dos Seminários do Desporto de Cegos organizados e efetivados pela ABDC;
15. Receber, ler e considerar as normas, resoluções e demais informações publicadas no Boletim Oficial e
16. Conhecer e respeitar o Estatuto da ABDC e seu Regimento Interno.

(CBDC, 2006 B)

Vale ressaltar sobre este art. 2º, a constante preocupação com a manutenção de uma visão atualizada sobre o assunto em questão. Desta feita, percebe-se que o regulamento não se volta para uma idéia de receita, mas sim, tal como as linhas e tendências da educação, apontam para um modelo e que deve sempre se adaptar às novas exigências e tendências da e, para a sociedade.

4.4 A Realização dos Jogos

O Iº Jogos Escolares Brasileiros da C.B.D.C., foi realizado na cidade de São Paulo, no período de 12 a 15 de novembro, reunindo cerca de 250 crianças e jovens com deficiência visual, além de seus professores e apoios, totalizando cerca de 400 pessoas.

As competições aconteceram no Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa da cidade de São Paulo com exceção da modalidade xadrez, cuja competição ocorreu em um Hotel da cidade, local este também da acomodação de todos os participantes desse evento.

Portanto, as modalidades trabalhadas foram: atletismo, goalball, judô, natação, futebol B-1 e xadrez. Além das competições, os atletas também tiveram dinâmica de desenvolvimento interpessoal e atividades culturais, organizadas pela secretaria da CBDC e por professores de Educação Física voluntários e participantes do evento.

O cronograma geral das atividades ficou assim estabelecido pelo Comitê Organizador do evento:

- 12/11 -10-12hs - reunião técnica geral do evento (hotel)
 - recepção dos atletas
 - 21:00 - Congresso técnico (hotel)
 - 20:00 -Dinâmica de desenvolvimento interpessoal (hotel)
- 13/11 -9:00 -abertura oficial do evento Centro Olímpico (CO)
 - 9:30-12:30- Judô (CO)
 - 15:00-18:00-Natação (CO)
 - 20:30-22hs- Atividade Cultural (hotel)
- 14/11-9:00-12:00- Atletismo (CO)
 - 15:00-18:00- Futebol B-1 (CO)
 - 20:00-23:00-Xadrez (Hotel)
- 15/11- 9:00-12:00- Goalball (CO)
 - 12:30-Premiação e encerramento (CO)

Frisamos aqui, que este resumido cronograma “esconde” intensas tarefas administrativas que vão, desde a organização das refeições e convívios em momentos semelhantes, como a

burocracia de documentos, reuniões entre profissionais responsáveis pelos atletas/alunos, caracterização de regras esportivas e regras do hotel etc.

O dia da chegada:

Todos os participantes chegaram e foram se acomodando nos quartos conforme prévia organização elaborada pela secretaria da CBDC, administração do hotel e considerações dos responsáveis pelas equipes. Após se acomodarem foi pedido para que eles fossem a um quarto determinado para o preenchimento de uma ficha de anamnese (anexo) e para medida de dados antropométricos.

Sendo assim, é possível visualizar já na chegada das equipes, uma harmonia entre a profissionalização do evento e a flexibilidade entre as necessidades particulares dos atletas/alunos e firmadas por seus responsáveis imediatos.

No congresso técnico foram tratadas questões referentes a cada modalidade e estipulado a forma como cada qual se realizaria. Só os técnicos e os professores participaram dessa reunião, vale lembrar que essa diferenciação entre técnicos e professores se faz necessário, pois nem todos os técnicos eram professores de Educação Física, mas sim voluntários ou professores de outras áreas e que representavam a instituição. Esta é ainda uma realidade comum em cidades e estados com poucos recursos e/ou não atualizados.

Os demais participantes foram para a atividade denominada dinâmica de desenvolvimento interpessoal. Houve atividades que promoveria o relacionamento entre as pessoas que não se conheciam, através de atividades de cooperação. Nesse mesmo local foram dadas camisetas a cada atleta, que poderia ser de cor amarela, vermelho, verde ou azul, independente destes pertencerem a mesma equipe de treinamento ou não. A cor já tinha sido pré-estabelecida pela coordenação do evento (que buscou com isso, maior inter relação entre os participantes), montando-se de forma aleatória 4 grandes equipes, ou seja, a competição não se deu por instituição de forma tradicional, mas sim pelas equipes formadas por diversos atletas de diferentes instituições.

Buscou-se com isso promover uma inter-relação maior entre os participantes e da forma indireta também o espírito de equipe, propostas pedagógicas muito discutidas e que, apesar de simples, refletiram significado propício para o alcance dos objetivos pretendidos.

Segundo dia do evento

Todos foram para o Centro Olímpico logo cedo, pois a Abertura Oficial estava prevista para as 9:00h da manhã. As equipes desfilaram e através das palavras do Presidente da C.B.D.C. foi declarada a abertura dos jogos.

A primeira modalidade esportiva que aconteceu foi o Judô. Todos participaram dessa atividade que não teve o caráter competitivo em si, mas sim a questão de proporcionar a vivência dessa modalidade para os participantes.

As atividades propostas envolveram o alongamento geral; logo em seguida os atletas/alunos foram divididos em 4 círculos onde foram trabalhadas (vivenciadas) ações motoras que compõe os fundamentos dessa modalidade como a pegada, a queda e alguns golpes em pé e no chão.

Essa atividade foi encerrada com uma demonstração de luta, narrada para os cegos. Em cada subgrupo, a “luta” entre os seus componentes também foi vivenciada.

Nessa modalidade, o judô, não houve divisão de classificação visual, por não haver necessidade específica, tal como acontece nas competições oficiais de judô, onde lutadores B1, B2, B3 lutam entre si.

No período da tarde foi realizada a competição de natação, na própria piscina do Centro Olímpico. Os atletas foram aqui divididos em três categorias segundo as classificações da deficiência visual, B1, B2 e B3. Quanto à idade dividiram-se em duas: infante-juvenil e juvenil, e ainda em gênero masculino e feminino, o que não aconteceu no judô, uma vez que naquele a proposta de vivência da modalidade era muito mais informativa.

As provas realizadas foram de 25 metros livre, 25 metros costas e 4x25 metros livre, tanto para o gênero feminino quanto para o masculino. Já as provas de 25 metros peito e 25 metros borboleta aconteceram somente no gênero masculino.

À noite, de volta ao hotel, após o jantar, realizou-se uma atividade cultural com a participação de todos.

Foi uma apresentação musical que envolveu a participação de atletas da equipe paraolímpica e convidados para o evento e de um grupo (coral) de atletas participantes dos Jogos Escolares.

Outros atletas paraolímpicos deficientes visuais também tiveram presentes na atividade cultural, com a finalidade de incentivarem os jovens atletas, através de uma “mesa redonda” adequada para responder às curiosidades dos iniciantes e todos os presentes.

Terceiro dia do evento

O dia iniciou-se com a competição de atletismo. Nessa modalidade os participantes foram divididos em 3 categorias em relação a idade: mirim (6 a 8 anos); infanto-juvenil (11 a 14 anos); e juvenil (15 a 18 anos); também subdivididos em relação ao sexo; e subdivididos em 2 classes quanto a deficiência visual B1 e B2 / B3. Dessa forma, diferente do judô e da natação, a divisão de classificação foi representada por atletas/alunos cegos (B1) e por atletas/alunos com baixa visão (B2 e B3).

As provas foram adequadas de acordo com a faixa etária dos participantes e como foi o 1º Jogos Escolares realizados, os resultados servirão de parâmetro para a realização de competições posteriores.

As provas realizadas foram: 50 metros, salto em distância, lançamento de pelota e corrida de 600 metros para a categoria infanto-juvenil (11 a 14 anos); corrida de 100 metros, salto em distância, lançamento de pelota e corrida de 1000 metros para a categoria juvenil (15 a 18 anos).

Além dessas provas, os participantes realizaram mais um teste, a corrida de 30 metros, que teve como objetivo mensurar o tempo para se atingir a velocidade máxima de cada um, pois a “velocidade máxima só é alcançada por volta dos 25-30 metros”. (BARBANTI, 1996, p.72). Este teste foi mensurado através do aparelho célula foto elétrica, cedido pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP e com apoio do Departamento de Ciências do Esporte, instalado na pista de salto em distância e com adaptações para que os alunos pudessem se orientar para um deslocamento retilíneo.

No atletismo, por se tratar de uma modalidade que trabalha com conceitos basicamente de ações comuns à natureza humana, como correr, saltar e arremessar; e pela facilidade física de ser oportunizado, as provas puderam ganhar um caráter muito próximo das disputas convencionais, exceção refletiu-se durante o refinamento das técnicas solicitadas, onde orientações didáticas e pedagógicas estiveram todo tempo presentes, tanto por parte dos professores/técnicos, quanto por parte dos organizadores e árbitros da competição.

No período da tarde, a modalidade esportiva trabalhada foi o futebol B-1.

Iniciou-se também com um alongamento geral, seguido pelo trabalho de deslocamento, primeiramente só com informações auditivas e depois com a manipulação da bola.

Trabalhou-se também o passe e a finalização (chute ao gol).

Depois, todos os participantes foram divididos em times e realizou-se o jogo propriamente dito.

Portanto, para o futebol propiciou-se um encaminhamento também diferenciado e que se resumiu numa mesclagem equilibrada entre vivência com tom informativo sobre táticas e técnicas do futebol, com uma vivência do jogo propriamente dito.

A noite foi a vez do xadrez que aconteceu no hotel e envolveu, essencialmente, aqueles que já haviam praticado a modalidade anteriormente. No xadrez, assim como nas outras modalidades, o evento pode contar com os Coordenadores de Esportes da CBDC. Este “investimento” foi de muita relevância pois, detalhes como a apresentação de manuais de aprendizagem das referidas modalidades e/ou experiências e incentivos desses coordenadores com experiências em eventos internacionais, serviram para o crescimento dos atletas/alunos; para os próprios coordenadores de modalidades esportivas da CBDC; e para os professores e técnicos presentes (alguns inclusive, também iniciantes).

Os atletas foram classificados individualmente e depois por equipe, ou seja, na classificação individual o atleta dependendo da sua colocação conseguia obter no máximo 3 pontos (1º lugar) e decrescia conforme a colocação, e esses pontos foram somados para os participantes da mesma equipe (cor da camiseta) dando assim a classificação por equipe.

Último dia do evento

No período da manhã foi realizada a “competição” de Goalball.

Foram propostas atividades de estafeta em duas quadras ao mesmo tempo. Em uma das quadras foi trabalhado o deslocamento, visando a “avaliação” da noção espacial do atleta. O objetivo era: realizar essa tarefa no menor tempo possível. Em outra quadra, trabalhou-se arremessos direcionados com a bola de goalball, similar ao boliche, durante 3 minutos. Aqui o objetivo era: derrubar o maior número de cones possíveis.

Após esses exercícios, foram feitos jogos com equipes mistas, sendo o jogo realizado no tempo de 2 minutos X 2 minutos (tempo corrido), devido ao número de participantes. Esse tipo de jogo aconteceu apenas para a categoria infantil.

Para a categoria juvenil foram realizados jogos no sistema de tempo corrido (todos contra todos) e as equipes divididas em masculino e feminino.

Após o término da competição de goalball, todos os participantes atletas/alunos, professores, técnicos, staffs foram convidados para a confraternização de encerramento. Todos foram premiados, em seguida deu-se por encerrado o evento.

Assim, pudemos notar que, independente dos momentos de experiências mais informativos ou mais de nível competitivo, como o Goalball, não tivemos aqui uma mera reprodução das experiências das modalidades praticadas anteriormente, tal como o exemplo “comentado” para as categorias infantil e juvenil no Goalball, pois a intensidade de vivência e exigência entre as idades refletiu também sobre questões como oportunidade e possibilidade, de conhecimento e de ações incorporadas.

È imprescindível perceber aqui, portanto, que a organização pedagógica para os Jogos Escolares foi uma organização que se apropriou de temas de modalidades esportivas considerando a relação temporal de cada modalidade com nossa cultura, com os avanços possíveis e possíveis em termos de conhecimento dos atletas/alunos com cada modalidade e ainda diante do conjunto: nível motor adquirido e nível motor possível de ser explorado frente as experiências ali programadas.

Vale lembrar que os atletas/alunos que não estavam participando das competições tinham o seu tempo livre e que todas as refeições (café da manhã, almoço e jantar) foram feitas no hotel.

O Projeto elaborado pela CBDC para os órgãos de fomento governos (Municipal, Estadual, Federal) previu os gastos com todas as despesas de alojamento e traslado interno (hotel-centro olímpico e centro olímpico-hotel), bem com também o transporte até a cidade de São Paulo, para todos os participantes.

5 Proposta de um modelo

5.1 Proposta de um modelo para a aplicação dos Jogos Escolares

Para a elaboração dessa proposta tomamos como base a realização e execução do Iº Jogos Escolares da CBDC e como ponto principais observamos 3 itens: planejamento, execução e desdobramento.

Para essa proposta, os seguintes objetivos da CBDC foram mantidos:

- Massificar a prática esportiva
- Desenvolver o desporto de rendimento
- Garantir e exercer a representatividade nacional e internacional
- Contribuir para a formação do atleta cidadão
- Envolver a família e a sociedade em geral
- Qualificar os profissionais das áreas técnicas e administrativas
- Divulgar o desporto praticado por atletas cegos e D.V.

(CBDC, 2006 A).

Para a aplicação/realização de um evento seja ele qual for, esportivo, cultural ou social, há um planejamento estratégico para ser seguido, tanto para arrecadação de verbas, procura de patrocínios e parcerias, quanto um local adequado, que envolva toda a estrutura para a sua realização. Neste sentido, discutiremos cada item citado acima e, juntamente com essa discussão, proporemos um modelo base para a aplicação em qualquer competição dessa natureza, neste caso específico, os Jogos Escolares da CBDC.

Assim sendo, devemos ter claro para a elaboração de qualquer evento o quadro abaixo:



Quadro 1: Etapas de elaboração

Os jogos escolares brasileiros da CBDC tiveram como foco principal proporcionar a vivência das modalidades paraolímpicas cultivadas dentro da CBDC, pois algumas pessoas que participaram desse evento não tiveram contato com tais modalidades, antes de participarem do Iº Jogos Escolares Brasileiros.

Julgamos ser importante proporcionar essa vivência, porém, para que o desenvolvimento do desporto seja mais efetivo, inclusive visando a detecção de talento, propomos a partir desse estudo, que haja também incentivo às Instituições e maior conscientização das mesmas para que estas se mobilizem para uma autonomia do desenvolvimento esportivo quanto a realização de eventos dessa natureza, ou seja, é possível que as Instituições reconheçam a simplicidade e ao mesmo tempo, o profissionalismo, enquanto componentes para a realização de Jogos Escolares e que, poderão se fazer presentes ainda em níveis municipais ou estaduais. Assim, como ventilamos, as Instituições estariam independentes das estruturas organizativas da CBDC (sem contudo distanciar-se do possível apoio da mesma) para contribuir também com uma leitura quantitativa para o fomento do desporto escolar com qualidade.

Então, julgamos necessário para a elaboração e realização desses eventos, ainda na área de planejamento, a criação de comitês, ou seja, a criação de “classes” independentes, mas que caminhariam na mesma direção para a sua realização.

Assim, teríamos o comitê de infra-estrutura, o de divulgação (mídia), o científico, o de avaliação e o de arbitragem.

Cabe ao comitê de infra-estrutura:

- Cotar preços de materiais

- Analisar locais possíveis para acomodação
- Observar e opinar sobre os esquemas de transporte mais adequados
- Verificar os possíveis locais para a realização da competição

Enfim, cabe a esse comitê resolver todas as questões que se relacionam à infra-estrutura.

Quando falamos de locais para a competição, devemos levar em consideração as adaptações que o mesmo apresenta para essas pessoas, e deve ser de preferência próximo ao local do alojamento.

Cabe ao comitê de divulgação (mídia):

- Divulgar o evento nas instituições, escolas e universidades;
- Fornecer informações e folders a sociedade para o conhecimento do evento a ser realizado;
- Após a realização do evento divulgar os resultados as instituições participantes do mesmo.

Cabe ao comitê científico:

- Verificar, estudar e avaliar a pertinência dos projetos de pesquisa encaminhados à CBDC para a aplicação no evento;
- Acompanhar o processo todo da aplicação da pesquisa, ou seja, desde o seu início na coleta de dados, como a obtenção do resultado final, responsabilizando-se em arquivá-lo;
- Acompanhar os testes que os atletas realizam em laboratórios e fazer o acompanhamento adequado através dos dados.

Cabe ao comitê de avaliação:

- Fazer a avaliação por completo do evento, desde o seu planejamento até a sua realização; por exemplo: se a competição ocorreu como foi planejado; se o número de dias de realização foram suficientes; como foi o comportamento dos técnicos, e assim por diante.

- Encaminhar às instituições que participaram do evento, um questionário de avaliação do mesmo, e, de posse de suas respostas, providenciar o encaminhamento das observações e sugestões aos comitês responsáveis.

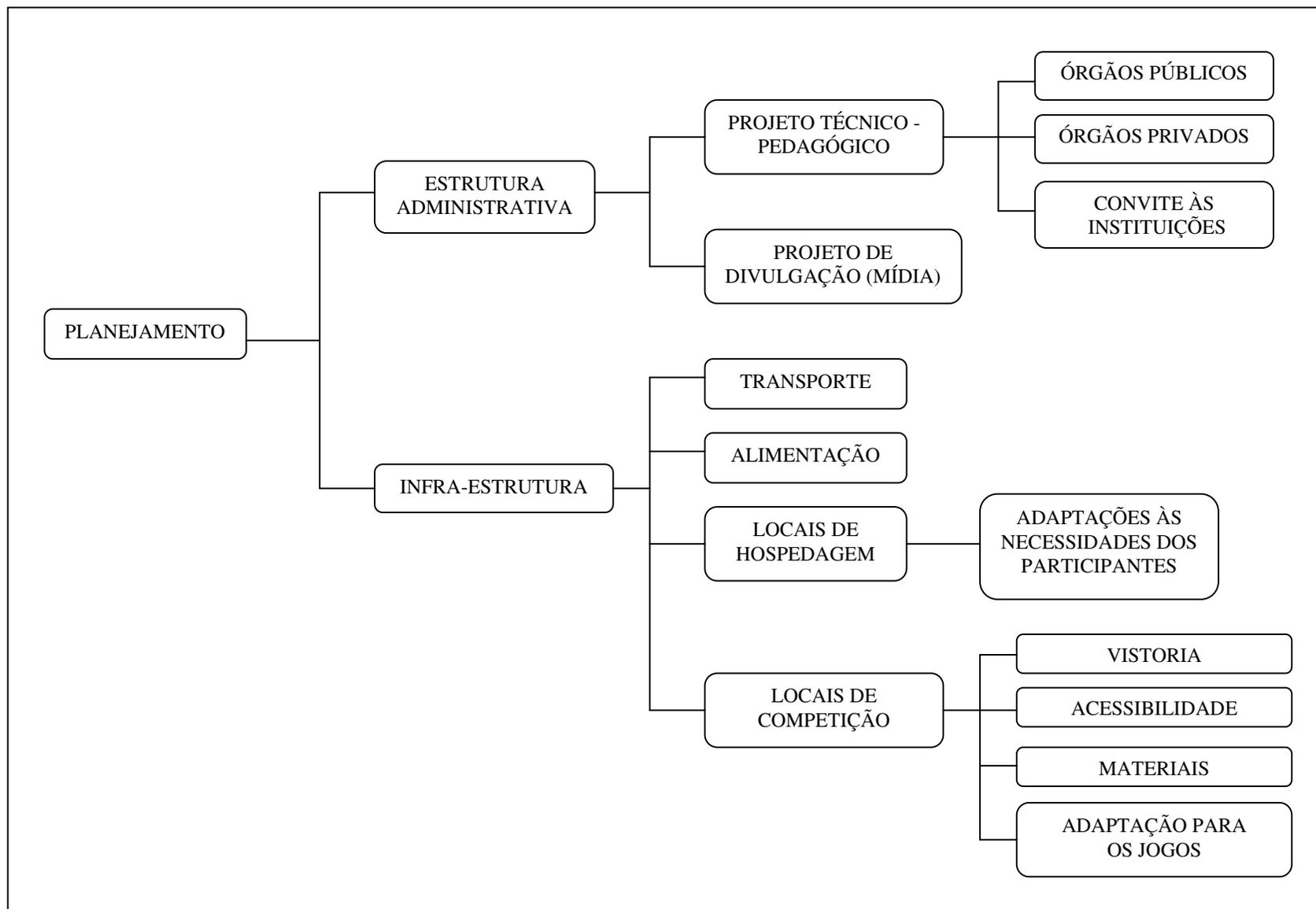
Cabe ao comitê de arbitragem:

- Formar um corpo de árbitros com conhecimento específico das adaptações feitas em relação às regras das modalidades esportivas, sendo isso realizado através de clínicas e cursos específicos;
- Colocar os árbitros para atuarem em todos os níveis de competição;
- Buscar sempre reciclar as informações;
- Avaliar sempre que possível o corpo de árbitros atuantes nos eventos, através de questionamento dos mesmos junto aos técnicos ou professores das instituições participantes da competição;
- Observar se através das adaptações de regras há igualdade de competitividade entre os participantes.

É imprescindível, no entanto, apesar das especificidades de atuação desses comitês, que haja uma conexão entre os mesmos e que pode ser resolvido com um grupo de trabalho constituído por um membro representando cada comitê. Vale lembrar ainda que esses comitês precisarão estar conectados com a Associação (ou Confederação) responsável pelo evento. Exemplo é a integração do comitê de infra-estrutura e a equipe de arrecadação de verbas da associação (ou Confederação) para analisar a maior aproximação possível entre o possível e o pretendido.

Acreditamos ainda que há a possibilidade da criação de sub-comitês que possam auxiliar diretamente os comitês na busca do cumprimento dos objetivos de cada um, pois, dessa forma, contaríamos com um maior número de pessoas envolvidas no planejamento do evento, tendo em comum a busca de uma qualidade cada vez melhor da competição.

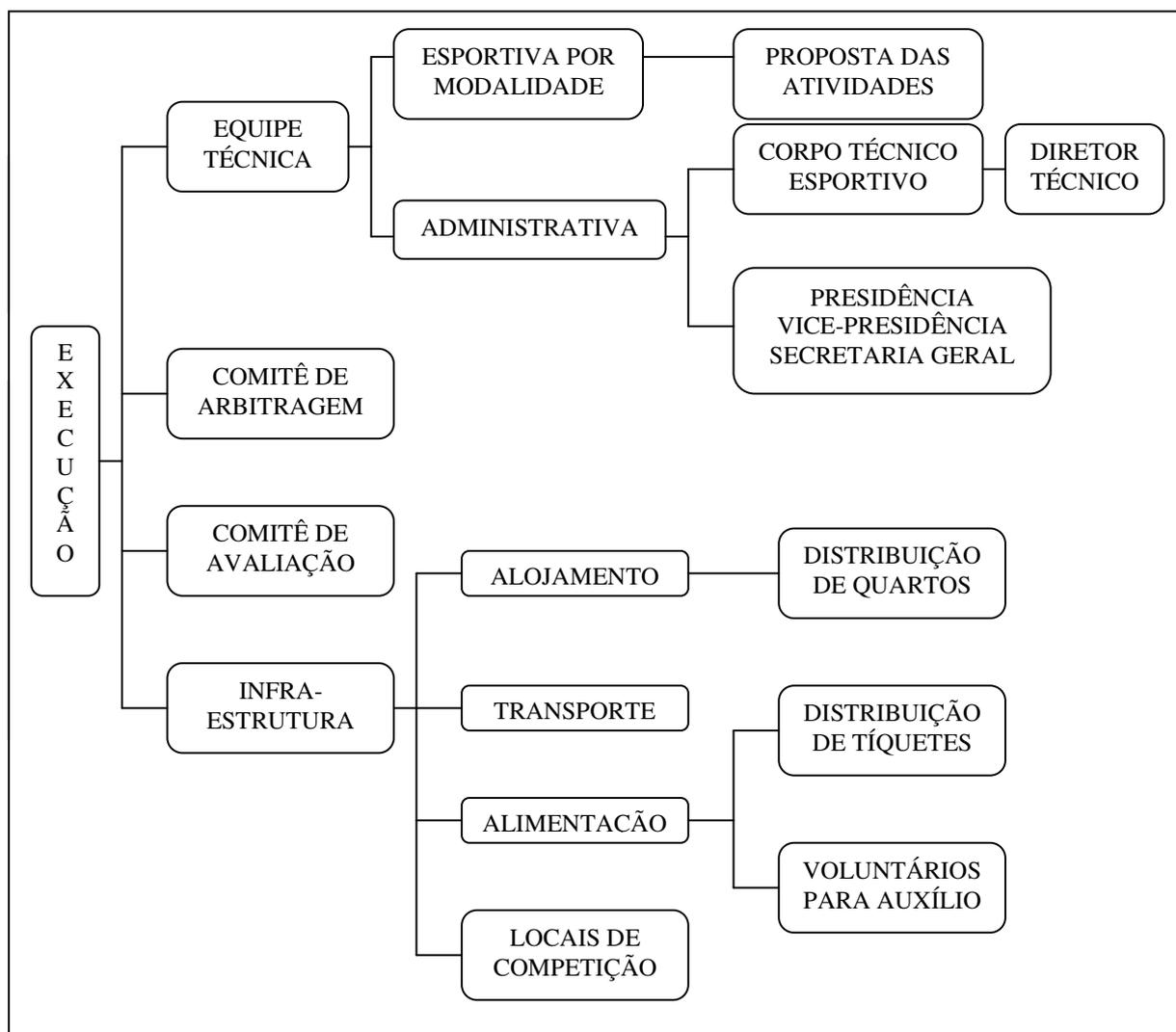
É também nessa área que temos o primeiro contato com as instituições participantes e o número aproximado de inscritos para o evento.



Quadro 2: Estrutura do Planejamento

Diante do cumprimento desse planejamento, partimos então para a execução do evento.

Essa execução/realização da competição está diretamente relacionada com o comitê de infra-estrutura, pois este é o responsável pela parte do local da competição, alojamento e alimentação. Também de forma indireta tem relação com o comitê de arbitragem, pois a realização das atividades atinge diretamente esse setor.



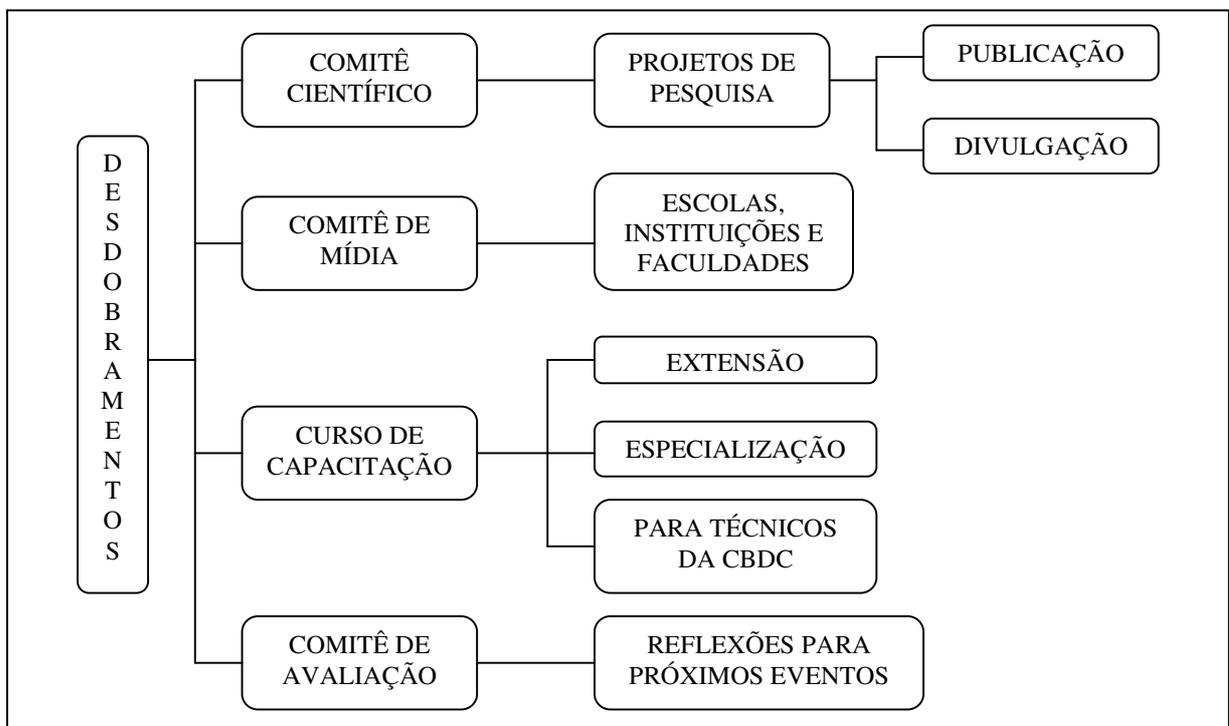
Quadro 3: Estrutura da Execução

Realizada a competição/evento podemos falar dos seus desdobramentos que se relacionam também com o planejamento e a execução, pois diz respeito aos cursos de capacitação, a avaliação dos participantes do evento, das pesquisas nele envolvidas e nos resultados.

Aqui, podemos dizer, como exemplo, que esse estudo foi um dos desdobramentos do Iº Jogos Escolares Brasileiros da CBDC, com ênfase na observação da realização desses jogos.

É importante relacionar as possibilidades de parcerias da CBDC com as instituições de ensino superior, na fomentação de cursos de capacitação à professores e técnicos através de cursos de especialização, ou até mesmo, de cursos de extensão nessa área. A capacitação desses profissionais vem contribuir na divulgação das modalidades e da prática esportiva das pessoas com deficiência visual junto às instituições, além de poder oferecer cursos específicos para os técnicos da CBDC.

Os desdobramentos aconteceriam também na área da avaliação, levando-se em consideração as Instituições, os participantes e os voluntários. Através da análise dessa avaliação junto ao comitê responsável, teríamos os dados relativos a essas questões respondidas por cada parte, nos dando subsídios para as interpretações propostas e assim as modificações que se fizerem necessárias para a melhoria do evento. E quanto ao comitê de mídia, este seria o responsável em repassar a sociedade e aos participantes os resultados e a realização do evento.



Quadro 4: Estrutura dos Desdobramentos

Quanto às pesquisas, estas também fariam parte da área dos desdobramentos, em específico, junto ao comitê de pesquisa da CBDC, com objetivo de fomentar a sua realização, porém tendo o cuidado de uma análise prévia, quanto a relevância desta, junto às pessoas com deficiência visual e os cuidados necessários com a divulgação dos resultados, ou seja, uma aprovação dos participantes mediante a apresentação de um termo de consentimento apresentado aos mesmos, contendo a explicação resumida da pesquisa.

A PESQUISA			
	PLANEJAMENTO	EXECUÇÃO	DESDOBRAMENTOS
INFRA-ESTRUTURA	<ul style="list-style-type: none"> - É possível avaliar nos locais de competição ou nos locais de alojamento? - Terá influência quanto à alimentação? 	<ul style="list-style-type: none"> - Adaptação dos aparelhos - Adaptação dos testes 	<ul style="list-style-type: none"> - Reuniões com a CBDC e universidades ou órgãos de pesquisa interessados - Publicações - Divulgações - Reflexões
PROJETO TÉCNICO-PEDAGÓGICO	<ul style="list-style-type: none"> - Adequa-se aos objetivos do evento? - Convite às instituições de ensino e pesquisa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Realização na prática de todo o projeto 	
ESTRUTURA ADMINISTRATIVA	<ul style="list-style-type: none"> - Projeto para órgãos de fomento - Patrocínio 	<ul style="list-style-type: none"> - Simpósio - Palestras 	
PROJETO PARA PESQUISA	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar a pertinência da pesquisa - Anexar autorização dos participantes 	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicação da pesquisa junto a realização das provas 	

Quadro 5: Reflexões da Pesquisa

Dessa forma, o evento estaria cercado de comitês que levariam em conta todos os setores envolvidos na execução do evento, de forma que os seus desdobramentos e reflexões venham permitir à CBDC, a observação e a análise dos resultados para que, de uma forma

contínua, possa dar andamento à realização dos demais eventos tomando como base as observações feitas anteriormente, visando a execução cada vez melhor de seus projetos e eventos.

QUESTIONÁRIO PARA OS PARTICIPANTES (atleta/aluno)

	BOM	RAZOÁVEL	RUIM
ALOJAMENTO			
ALIMENTAÇÃO			
TRANSPORTE			
LOCAL DA COMPETIÇÃO			
ABERTURA			
PROVAS			
ARBITRAGEM			
ENCERRAMENTO			
PESSOAL DE APOIO			
SECRETARIA DO EVENTO			

QUESTIONÁRIO PARA OS TÉCNICOS

	BOM	RAZOÁVEL	RUIM
ALOJAMENTO			
ALIMENTAÇÃO			
TRANSPORTE			
LOCAL DA COMPETIÇÃO			
ABERTURA			
PROVAS			
ARBITRAGEM			
ENCERRAMENTO			
PESSOAL DE APOIO			
SECRETARIA DO EVENTO			
PESQUISA REALIZADA			
CURSOS/ PALESTRAS OFERECIDOS			

QUESTIONÁRIO PARA OS VOLUNTÁRIOS

	BOM	RAZOÁVEL	RUIM

ALOJAMENTO			
ALIMENTAÇÃO			
TRANSPORTE			
LOCAL DA COMPETIÇÃO			
ABERTURA			
ENCERRAMENTO			
SECRETARIA DO EVENTO			

QUESTIONÁRIO PARA A ARBITRAGEM

	BOM	RAZOÁVEL	RUIM
ALOJAMENTO			
ALIMENTAÇÃO			
TRANSPORTE			
LOCAL DA COMPETIÇÃO			
ABERTURA			
ENCERRAMENTO			
NÍVEL DOS ATLETAS			
ADEQUAÇÃO DA PROVAS			
PESSOAL DE APOIO			
SECRETARIA DO EVENTO			

Abaixo, dos questionários, teríamos ainda um espaço para observações e sugestões, pois, dessa forma, além dos pontos principais apontados pelo comitê organizador do evento, abrangeríamos também sugestões e observações de todos os participantes do evento.

6 Discussão

Nesse capítulo procuramos cruzar as informações coletadas/documentadas e discutir a partir desse cruzamento a elaboração e realização dos Jogos Escolares da CBDC.

Pudemos notar a importância desses jogos para a CBDC, às instituições a ela filiada e, principalmente, aos participantes desse evento. Este último, englobando os organizadores, atletas, professores e a equipe de apoio.

6.1 Quanto aos procedimentos técnicos e pedagógicos

Os procedimentos técnicos e pedagógicos adotados para a realização das modalidades esportivas, destacaram-se de duas formas: competição; e a vivência dos fundamentos sem necessidade de explorá-los de maneira competitiva.

Vale a pena lembrar que todas as modalidades, de uma forma geral, buscaram procedimentos técnicos e pedagógicos pertinentes a classe de pessoas participantes, ou seja, as provas e “regras” foram adequadas em virtude da deficiência visual e da faixa etária trabalhada.

A modalidade esportiva judô trabalhou de forma dinâmica, duas de suas principais técnicas: a pegada e a queda. Foi trabalhada dessa forma para que atletas/alunos que apresentavam pouca vivência nessa modalidade pudessem ter uma noção mínima do que se trabalha no judô, e como de fato esse trabalho ocorre. Pedagogicamente podemos dizer que todos os cuidados foram tomados na realização dos exercícios e que essa “aula” seguiu uma

metodologia partindo-se do mais simples para o mais complexo, ensinando passo por passo a forma adequada de se realizar a pegada, de se aplicar os golpes e a forma como se cai. Não foi feita a luta em si, ela foi vivenciada e executada de maneira fragmentada, buscando a compreensão do atleta de forma a tê-la primeiro pelas partes (elementos), e depois para o todo, ou seja, a luta.

Este tipo de trabalho estava longe da forma competitiva tradicional dessa modalidade, porém mostrou tecnicamente aos alunos, como se faz a pegada e de certa forma a queda durante uma luta.

Na natação, a vivência estava mais relacionada com a forma competitiva tradicional da modalidade, porém em nenhum momento foram desclassificados atletas/alunos que utilizavam materiais alternativos como, por exemplo: macarrão e flutuadores entre outros. Na busca de um número maior de participantes esses recursos foram autorizados e, por vezes, solicitados.

Os tempos das provas foram medidos normalmente como em qualquer outro evento e, os atletas/alunos, foram classificados a partir dos mesmos. As provas disputadas foram as de curta distância, que não visava somente o desempenho do atleta, mas também possibilitava a participação daqueles que dominavam motoramente a modalidade de forma menos vantajosa que outros, ou seja, participaram até os atletas/alunos que já possuíam o domínio técnico dos movimentos e aqueles que ainda não dominavam “perfeitamente” o estilo do nado, ou que ainda necessitavam de recursos extras para a realização da prova.

Tecnicamente, o objetivo foi alcançado de uma forma diferente daquela convencional, pois os atletas/alunos buscavam um desempenho cada vez melhor, e para isso tinham que estar com o nado técnico sendo realizado com a maior precisão possível, porém, como dito anteriormente, havia também os que estavam “engatinhando” na técnica do nado, ou seja, segundo Gallahue e Ozmun (2001), estavam na fase de movimentos fundamentais em relação àquelas exigências.

Quanto ao processo pedagógico utilizado, podemos dizer que a Natação ofereceu subsídios aos participantes que ainda necessitavam de algum auxílio, respeitando e

permitindo que esses participassem da competição sem nenhuma perda, e para os que já dominavam a modalidade ofereceu ferramentas, no caso, a curta distância, como um estimulador para que a prova fosse realizada em menor tempo possível, e estimulando todos os atletas/alunos a participarem de pelo menos uma prova, pois ao contrário de outras competições, a distância era de certa forma “curta” e de “fácil” realização.

A modalidade esportiva atletismo também foi disputada de maneira mais parecida com a forma competitiva tradicional. Essa modalidade se baseou na proposta da IBSA para atletas menores, mantendo assim tecnicamente a forma de corrida, salto e arremesso, modificando somente a distância a ser corrida, assim como a forma de se realizar os saltos e arremessos; neste último também houve a adaptação do material. Considerou-se a maior distância do salto e do arremesso do atleta, e o tempo das provas de corrida para a classificação final.

Sobre o aspecto pedagógico, assim como as outras modalidades, o atletismo buscou diminuir as diferenças existentes entre os participantes em nível de habilidades, e através da adequação das provas proporcionou a participação de todos.

As modalidades de Futebol B1 e Goalball foram trabalhadas de maneira semelhante, primeiramente os participantes vivenciaram o deslocamento, fundamentos e depois a manipulação da bola.

Tecnicamente, os fundamentos foram passados com base na técnica propriamente dita, procurando dar aos participantes a noção geral dessas modalidades.

Pedagogicamente, os processos foram trabalhados do mais simples para o mais complexo, procurou-se fazer com que o aluno/atleta, primeiro “adquirisse” uma noção espacial, e isso também permitiu ao coordenador da modalidade que observasse a condição de cada aluno/atleta. Quando se fez a proposta do trabalho com a bola, visou-se “desenvolver” a habilidade de manipulação, proporcionando assim uma vivência real do que ocorre no jogo dessas modalidades.

Para finalizar tal vivência, todos os alunos/atletas participaram da situação do jogo dessas modalidades. O tempo do jogo não foi oficial e o cronômetro não era paralisado diante das infrações, porém as mesmas foram apontadas, marcadas e observadas, tal como em jogos oficiais, mas sem que houvessem as mesmas cobranças. Apesar de algumas pessoas terem

certas dificuldades pela pouca vivência dos fundamentos dessas modalidades, a realização dos jogos foram possíveis e absorvidas.

Já na modalidade xadrez, a vivência também se deu de forma competitiva. Os alunos/atletas jogaram normalmente segundo as regras oficiais da modalidade. Uma observação bastante útil para um desenvolvimento mais apropriado da competição de xadrez, foi a falta de mais tabuleiros adaptados.

Podemos dizer que a importância das vivências está relacionada com o que os autores (Tröster, Hermer, Brambing, 1994; Craft e Lieberman, 2004) falam sobre a estimulação motora, pois ao propormos tais vivências aos alunos/atletas, estamos proporcionando um “aumento” da bagagem motora para os que nunca praticaram essa modalidade e, aos que já são praticantes, uma forma diferente de trabalho dos fundamentos.

Ainda nesse sentido, devemos levar em consideração a individualidade de cada atleta, pois segundo Mir (2004, p. 17):

na prática, a importância da deficiência visual varia de forma notória de uma pessoa a outra, segundo a causa da deficiência, o grau afetado, a idade em que se manifestou e a experiência visual. Incluindo pessoas com um mesmo déficit e acuidade visual podem ter rendimentos diferentes, segundo a motivação, a inteligência, a hereditariedade, estado emocional, a fadiga e o meio sócio-cultural. Esses fatores pré-dispõem psicologicamente, em positivo ou negativo, na formação de imagens e na aprendizagem, de modo a considerar cada pessoa tem características únicas.

Seguindo ainda esse pensamento, Gallahue e Ozmun (2001, p. 320) “apontam que cada pessoa tem o seu próprio tempo de desenvolvimento”. Esse tempo é uma combinação da hereditariedade particular do indivíduo e das influências ambientais.

Em todas as modalidades, as atenções aos cuidados a serem tomados com os participantes foram prioridades para a organização. As informações passadas aos atletas durante as práticas foram as que Almeida e Oliveira Filho (2001), trataram como informações táteis e auditivas, que muito auxiliaram na explicação e informações sobre determinada atividade.

Ainda no sentido da contribuição dessas atividades podemos citar Craft e Lieberman (2004), que falam da importância da experiência motora para o bom desenvolvimento motor das crianças com deficiência visual. A prática da atividade física, neste caso, das

modalidades oferecidas nesses Jogos Escolares, fez com que os participantes se empenhassem, deixando de lado o “sedentarismo”, buscando assim uma melhora do seu físico e também de suas habilidades físicas, pois, como indicou Ponchillia, Strause e Ponchillia (2002), a falta da participação nos esportes por essas crianças acarretará na defasagem de habilidades motoras e na saúde física limitada.

Não queremos dizer aqui que esse evento tenha servido para tirar as pessoas com deficiência visual da condição de “sedentarismo”, uma vez que, para isso seria necessária a prática sistemática de atividade física; mas queremos sim dizer que a participação nesse evento e a preocupação na busca por um bom resultado, serviram de estímulo e motivação para que eles buscassem praticar as atividades físicas oferecidas nas instituições.

Quanto as técnicas desenvolvidas nas atividades podemos dizer que elas vão indiretamente ao encontro do que Santana (2005, p.01) diz:

a iniciação esportiva é um fenômeno complexo,... carregado de sensibilidade, que não permite, a priori, a fixação de uma gênese, pois contempla uma série de unidade coexistente as quais se inter-relacionam e desencadeiam uma quantidade generosa de implicações que interferem no processo de desenvolvimento humano da criança esportiva.

Partindo-se desse ponto de vista, procurou-se estabelecer critérios de técnicas, que proporcionassem às crianças, a forma correta da execução de movimentos a partir das suas diversas formas de prática, ou, pelo menos, para que fosse possível “enxergarem” essa prática.

Dessa forma enfatizamos aqui a importância do oferecimento dessas práticas esportivas como aquisição de experiências motoras nas escolas e instituições.

6.2 A análise do contexto histórico de cada modalidade no Brasil.

Entre as modalidades disputadas nos Jogos Escolares da CBDC, as mais antigas são: o atletismo e o futebol B1, que tiveram suas disputas realizadas desde a fundação da CBDC, em 1984.

O atletismo é a modalidade que tem na equipe Paraolímpica, um grande número de representantes de atletas com deficiência visual e que, por sua vez, tem sido os responsáveis pelo grande número de medalhas conquistadas em Jogos Paraolímpicos. Por exemplo, nos Jogos de Atenas, os atletas cegos conquistaram 12 das 16 medalhas da modalidade. Foram 2 de ouro, 6 de prata e 4 de bronze. (CBDC, 2006 E).

Como é um esporte de “fácil” acesso, que não necessita de materiais muito sofisticados para a sua prática, é um dos que possui mais praticantes no país.

Já o futebol para cegos tem sua prática iniciada nos anos 60 em institutos e escolas para cegos. (CBDC, 2006 F). Assim como o atletismo, também tem seus eventos realizados desde 1984.

O Brasil é considerado uma superpotência nessa modalidade, sendo bi campeão mundial e sul americano, e campeão paraolímpico nos Jogos de Atenas.

Há uma grande facilidade para a sua prática. As bolas podem ser adaptadas, colocando-as dentro de um saco plástico para a emissão de som e, assim, não deixar que a falta da bola oficial inviabilize a sua prática. No Brasil, a aquisição de bolas oficiais é relativamente fácil, uma vez que tal implemento é fabricado no país e doado pelo governo federal. Os principais praticantes são os meninos, que sempre procuram uma forma de jogar “futebol”.

Não poderíamos deixar de citar aqui o perigo do jogo durante a sua iniciação, se não houver os devidos cuidados, pois os choques entre os jogadores sempre existem e caso esses não estejam sendo bem assistidos, a sua prática pode se tornar perigosa.

Atualmente, o Brasil possui 40 times distribuídos por 21 estados, sendo por isso também o país que mais realiza competições. (CBDC, 2006 F).

O goalball chegou ao Brasil em 1985. E em 1986 realizou-se o primeiro Campeonato Brasileiro. (CBDC, 2006 D).

Várias instituições possuem interesse na sua prática, porém como ponto negativo a esse interesse, há o alto custo dos materiais oficiais. A bola oficial é um material importado da Alemanha e o seu alto custo, muitas vezes, não cabe no orçamento das instituições. Há como, no futebol, a prática através da utilização de materiais improvisados, ou seja, adaptados.

Até o momento (2006) há 46 equipes masculinas e 43 femininas filiadas a CBDC. Essa modalidade ganha expressão internacional a partir de 2003, quando a equipe feminina conquistou o 2º lugar no Mundial de Quebec, Canadá, se classificando pela 1ª vez para a disputa dos Jogos Paraolímpicos. (CBDC, 2006 D).

É uma modalidade que tem ganhado cada vez mais adeptos e, por solicitar bastante empenho em estratégias táticas, tem menos dependência de um condicionamento físico como no atletismo e na natação. Lembramos que o goalball é uma modalidade que foi criada para as pessoas deficientes visuais, e não foi adaptado.

Faz-se saber, nesse sentido, que alguns professores já tem tido iniciativas de propor tal modalidade em escolas regulares e para crianças que não possuem deficiência visual. Outro exemplo na mesma direção, mas com alunos Universitários, são registrados na CBDC.

A natação, assim como o atletismo, é uma modalidade com número grande de participantes. Os seus praticantes muitas vezes começaram nessa modalidade como forma terapêutica e para a reabilitação. Assim, o que num primeiro momento representava uma prática sem “compromisso” do rendimento, pode se tornar para alguns uma prática esportiva visando o rendimento em si, em um segundo momento.

Ela teve a sua primeira participação em Jogos Paraolímpicos, de Atlanta em 1996. (CBDC, 2006 G).

O judô teve a sua primeira participação internacional em 1987 (CBDC, 2006 C).

É uma modalidade individual e que requer do praticante muita concentração e disciplina.

Tornou-se um esporte paraolímpico em 1988, nos Jogos de Seul, tendo somente atletas do sexo masculino competindo. (GOMES, 2005). O judô paraolímpico feminino tem início nos Jogos Paraolímpicos de Atenas. O Brasil possui atletas de destaque internacional e, que trouxeram medalhas para o País nessa última edição dos Jogos, sendo uma de ouro, duas de prata e uma de bronze.

Assim, atualmente, essa modalidade ocupa a quinta colocação em se tratando de potência mundial, dividindo essa posição com o Japão.

O xadrez no Brasil tem suas competições sob a responsabilidade da CBDC. A primeira medalha brasileira em competições internacionais foi conquistada em 2005, no III Pan-americano da IBCA (Internacional Braille Chess Association), realizado em São Paulo, (CBDC, 2006 H).

Todas as modalidades paraolímpicas da CBDC revelam um histórico de vitórias, colocações positivas em campeonatos mundiais e em Jogos Paraolímpicos. Aqui, cabe destacar os esforços da CBDC para a realização dos campeonatos e na busca sempre de recursos para aprimorar a condição técnica dos atletas, inclusive para a participação desses, em eventos internacionais.

Quando falamos da CBDC e dos seus objetivos, filosofias e políticas, também visualizamos os resultados obtidos pelos atletas das modalidades que esta desenvolve. A CBDC inclui em seus objetivos várias ações e, assim, destacamos o caso dos jogos escolares, como uma forma de massificar a prática esportiva e de desenvolver o desporto de rendimento.

Exemplo atual dessa possível interface entre os Jogos Escolares e os Jogos Internacionais que a CBDC se envolve, é a classificação de um ex-atleta/aluno dos Jogos Escolares para Pequim, seguindo o exemplo de vários outros atletas/alunos que tiveram um contato inicial com o esporte, nos Jogos Escolares, e que continuam a treinar.

6.3 A análise do papel político-social do Iº Jogos Escolares numa perspectiva de consolidação dos papéis das Instituições, da CBDC e do CPB.

A CBDC se apóia nos seguintes planos políticos no que se refere à prática esportiva escolar: 1- desenvolver uma ação para ir ao encontro de sua clientela potencial no âmbito dos institutos especializados, centros de reabilitação e escolas, além de atender à toda demanda espontânea e 2- em relação as entidades filiadas, atletas, técnicos, dirigentes, CPB, IBSA, Universidades, mídia, órgãos governamentais e demais parceiros, a CBDC estará calcada no compromisso e no envolvimento, buscando a competência em todas as suas ações. (FREIRE, 2006).

Citamos aqui essas duas políticas por acreditarmos que elas estão relacionadas ao evento estudado, pois para que fosse possível a realização desses jogos foi preciso contactar as instituições, escolas e centro de reabilitações para que essas trouxessem seus alunos para participarem do evento; contribuindo assim para o aumento de alunos/atletas inscritos junto a CBDC, fazendo com que essa cumprisse com os seus objetivos e deveres e, por outro lado, as Instituições, centros e escolas envolvidas cumpriram com seus deveres em relação aos seus alunos, promovendo condições de participação e sua integração junto à sociedade e às outras pessoas.

Nesse sentido, cabe também apontar a estratégia de base, objetivos e diretrizes que o CPB possui para a realização e participação em eventos nacionais e internacionais no âmbito do desporto escolar e universitário.

O CPB possui como estratégia de base: utilizar a estrutura existente nas universidades e escolas especializadas que comprovadamente trabalhem ou possuam pessoas com deficiência e regularmente assistidas. Sendo os objetivos: fomentar a prática do desporto nas escolas e universidades; e proporcionar o contato na preparação e organização de eventos paradesportivos. Como diretrizes pretende: atuar diretamente ou através das entidades nacionais dirigentes do desporto paraolímpico em escolas que atendam às pessoas com necessidades especiais, desenvolvendo um programa de iniciação, aperfeiçoamento e treinamento, tendo na realização de eventos o grande fator motivacional. (CPB, 2006).

Assim, se traçarmos metas, objetivos e estratégias utilizadas, ou seja, as políticas utilizadas pelas instituições, escolas, centros, CBDC e CPB, encontramos em comum o objetivo do fomento da prática esportiva, neste caso específico, para pessoas com deficiência visual. A escola, centros e instituições estariam correspondendo com esse fomento, quando possibilitasse seus alunos a participarem dos eventos promovidos pela CBDC, ou pelo CPB.

Em relação ao desenvolvimento de um programa de treinamento podemos dizer que tanto a CBDC, quanto o CPB possuem diretrizes semelhantes, pois para que isso seja possível, antes devemos ter conhecimento dos possíveis atletas talentos que poderão usufruir desse investimento. Desta forma ao nos reportarmos aos Jogos escolares da CBDC, e voltarmos à nossa visão para essas estratégias e objetivos, acreditamos que os jogos poderão contribuir muito no sentido de provocar uma detecção de talento de jovens atletas, que poderão fazer parte no futuro, da equipe paraolímpica, justificando assim tal investimento. Isso já ocorreu com a

convocação de atletas que participaram da modalidade esportiva atletismo nesses Jogos, e que já foram convocados para a equipe paraolímpica, para participarem de eventos internacionais.

Entretanto, é necessário que se fique claro que o maior investimento aqui herdado, é a proposta de um instrumento da prática de “cidadania”, possibilitando à uma parcela significativa da sociedade, em especial as crianças e jovens deficientes visuais, a participação e possível convivência com o esporte.

6.4 A análise e avaliação do papel das Instituições de Ensino Superior enquanto agentes influenciadores e influenciados pelas manifestações culturais e esportivas, para e da sociedade.

A participação das Instituições de Ensino Superior (IES) em eventos que envolvam a participação de pessoas com deficiência tem sido cada vez maior. A crescente valorização dos esportes para essas pessoas, a possibilidade da realização de pesquisas para trabalhos como conclusão de curso de graduação e de pós-graduação, além de possibilitar o contato direto com atletas paraolímpicos em alguns eventos, tem sido questões positivas que favorecem a participação de alunos vinculados às IES.

Nos Jogos Escolares da CBDC houve participação de alunos das faculdades de educação física da Unicamp e da São Judas de São Paulo. Faremos menções aqui somente sobre a participação dos alunos da Unicamp, pela estreita relação desse estudo com o Programa de Pós-Graduação dessa Universidade.

O número de alunos e ex-alunos da FEF-Unicamp que participaram desse evento foi de aproximadamente 20 pessoas, entre as funções de staffs, organizadores e coordenadores de modalidades. Podemos dizer que esse número é expressivo em relação à participação nesse evento, pois geralmente as IES conseguem no máximo 2 ou 3 pessoas para participarem em eventos desse porte, e que possam estar disponíveis em tempo integral.

Podemos citar aqui, como referência, o Departamento de Estudos da Atividade Física Adaptada da FEF-Unicamp, cujo corpo docente desenvolve trabalhos específicos na área de adaptada para as pessoas com alguma deficiência. Possibilitando assim, o vínculo dessa

instituição com a CBDC e com o CPB, através de alunos que fazem parte do corpo técnico da equipe paraolímpica do CPB e que são coordenadores de modalidades da CBDC. Esses alunos e ex-alunos da Unicamp têm participado de eventos em níveis nacionais e internacionais representando o País, colaborando com o desenvolvimento do esporte paraolímpico e contribuindo com a FEF-Unicamp, repartindo conhecimento e experiências.

Se tomarmos como base a atenção que a FEF-Unicamp dá a essa área, (uma vez que possui, além de um Programa de Pós-Graduação mestrado e doutorado e curso de especialização, disciplinas na Graduação e que abordam os temas Esporte e atividade motora escolar adaptada) podemos dizer que são muitas e importantes as influências sobre a formação de recursos humanos dos alunos, e que esta seja prazerosa para atuarem na área de educação física adaptada, mostrando-nos as diversas vertentes que ela possui. Nesse sentido, a Universidade, também é responsável pelo desenvolvimento e pela divulgação da importância do conhecimento da sociedade e para a sociedade, das possibilidades e capacidades que as pessoas com deficiência possuem o que tem se tornado cada vez mais rico para a sociedade e a própria Universidade, a partir da convivência com a CBDC e o CPB.

As conquistas de medalhas e o bom rendimento dos atletas com deficiência visual em eventos nacionais e internacionais, de certa forma, ocorreram pela aplicação de recursos e o apoio que o CPB e a CBDC oferecem a eles, sempre em busca do aprimoramento técnico e pessoal do atleta. É indiscutível, aqui, o efetivo empenho da CBDC e CPB para o engrandecimento do Desporto Adaptado.

Assim, vale dizer que somos influenciados e influenciadores na sociedade em que estamos inseridos, seja pela forma de atuação em eventos, ou pela divulgação de informações sobre essa área, que vem crescendo consideravelmente nesses últimos anos.

Considerações Finais

Embora a escolha para a avaliação e documentação tenha sido apenas um dos eventos promovidos pela CBDC e, neste caso, o Iº Jogos Escolares, pudemos fazer observações e discussões que dizem respeito à área de organização, a atuação profissional junto às pessoas com deficiência visual e análise de situações relacionadas de forma direta com esse evento.

As discussões sobre as modalidades e as formas trabalhadas nos levaram a crer que esses Jogos apresentaram no geral um caráter equilibrado entre vivência e entre disputa propriamente dito. Levou-se em consideração muito mais a participação de todos, do que somente daqueles atletas/alunos “especialistas” e que já possuíam domínio das modalidades. Nesse sentido, a Coordenação dos Jogos acreditou que nesse primeiro momento, o importante era promover a prática dos esportes desenvolvidos pela CBDC, para possibilitar, depois dessa vivência, a escolha pelo atleta/aluno da modalidade pela qual tivera maior identificação, e a busca para a sua prática; e para a CBDC observar os possíveis talentos, para a renovação da equipe de atletas com deficiência visual e sem que houvessem menor atenção àqueles que não demonstrassem aptidão para tal.

Nessa visão pedagógica, buscou-se para o desenvolvimento das modalidades esportivas, um reconhecimento e identidade própria para cada uma, isto é, as modalidades foram respeitadas frente aos valores e forças representativas em tempo e espaço junto à sociedade, o que as torna mais ou menos praticada ou reconhecida em nossa sociedade. Exemplos, são as representações diferenciadas em nossa sociedade, entre Goalball e Futebol, que possuem histórico e condições atuais bem distintos em itens como papel influenciado e influenciador em nossa cultura.

Buscou-se ainda, as relações possíveis entre cada modalidade e pensar no melhor aproveitamento das exigências motoras das mesmas, o que viria solicitar ou não divisões por classificação visual, por sexo, ou mesmo por uma prática mais informativa ou mais competitiva, tal como exemplificaremos no quadro a seguir.

Ratificamos a importância da realização de Jogos dessa natureza para que as crianças e jovens com deficiência visual possam ter maiores vivências esportivas e que busquem a prática do esporte de uma forma cada vez mais sistemática. Assim, o contato com novas informações e vivências trará também, novos repertórios motores para o seu conhecimento e assimilação, favorecendo o desenvolvimento motor dessas pessoas.

PROPOSTA ESPORTIVA PEDAGÓGICA VISÃO ACADÊMICA

	FUTEBOL	GOALBALL	ATLETISMO	NATAÇÃO	JUDO	XADREZ	OUTROS
REGRAS	* ***	** ***	**	**	***	*	
COMPETIÇÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM
FUNDAMENTOS BÁSICOS	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	
FUNDAMENTOS ESPECÍFICOS	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	
ATIVIDADES LÚDICAS	X	X	#	#	X	#	X
COOPERAÇÃO	X	X	X	X	X	X	X
AUTONOMIA	X	X	X	X	X	X	X

Quadro 6: Proposta Esportiva Acadêmica

Legenda: (*) Integral; (**) Com ênfase, mas sem exigência total; (***) Sem ênfase nas regras.
(X) Sim, explicitamente programado; (#) Sim, como consequência natural do ambiente gerado.

Assim diante dessas considerações foi possível montar o quadro acima, levando-se em consideração o evento como todo, bem como as atividades desenvolvidas em cada modalidade.

Podemos observar no quadro anterior no item Regras, que as modalidades esportivas goalball e futebol, apesar de serem coletivas, tiveram diferenças quanto a ênfase dada a esse item, pois no momento do jogo de futebol (entre equipes), as regras foram aplicadas de forma integral, uma vez que essa modalidade e as suas regras, por fazerem parte de nossa cultura, são conhecidas por todos e, portanto, facilitando bastante a sua divulgação e o seu entendimento pelos nossos alunos/atletas tratados em questão. Por outro lado, ainda na modalidade futebol, houve a aplicação de atividades sem ênfase nas regras quando se explorava os fundamentos técnicos e táticos, durante a utilização de estratégias de aprendizagem da referida modalidade.

Já nos jogos de goalball (entre equipes), não houve exigência integral sobre as regras. Justifica-se tal iniciativa em virtude do Goalball não ser tão popularizado como o futebol.

No caso do xadrez, se comparado ao futebol, ou ao goalball, pudemos notar que, pelas características essencialmente cognitivas (e afetivas), a manutenção da estratégia utilizada (INTEGRAL) para com as regras, não veio comprometer outras expectativas referentes ao desenvolvimento dos alunos/atletas.

Vale destacar aqui, a modalidade esportiva Judô, que em todas as atividades desenvolvidas não fez uso das regras, mas que levou sim em consideração, como dito anteriormente, a bagagem motora do aluno/atleta, fazendo com que o momento dessa modalidade fosse exclusivamente de vivência de seus elementos.

Levando-se em consideração ainda o quadro anterior, podemos ver que os jogos, no geral, trabalharam em todos os momentos a cooperação e a autonomia do aluno/atleta, além das modalidades esportivas proporcionarem a vivência dos fundamentos específicos de cada uma e, no caso da natação e do atletismo, os alunos/atletas não tiveram a mesma ênfase voltada para o trabalho dos seus fundamentos básicos, pois estes já estavam de forma indireta “embutida” na realização das provas competitivas dessas modalidades.

Por fim, pudemos perceber nesse estudo de caso e sobre os Jogos Escolares Brasileiros o indicativo da construção de um corpo de trabalho não só administrativo, mas também de um corpo de trabalho docente, uma vez que o envolvimento de todos os coordenadores de modalidades possuem relações também com a vida acadêmica, inclusive alguns

com doutorado, mestrado, especialização, ou seja, a busca de um processo constante de atualização de conhecimento e, conseqüentemente, busca de ações de vanguarda.

Os objetivos da CBDC para com a realização desses jogos foram alcançados, levando-se em consideração: 1 - o incentivo e o oferecimento da prática do esporte para crianças e jovens com deficiência visual na idade escolar; 2 - a busca de futuros atletas para a renovação da equipe nacional; 3 - proporcionar aos participantes um ambiente saudável e de motivação para a realização das tarefas propostas; e 4 – fomentar as discussões e planejamentos técnicos, administrativos e conceituais (inclua-se aqui as influências de âmbito acadêmico) através de ações esportivas.

Assim, apesar do cumprimento dos seus objetivos, a CBDC proporcionou aos participantes que estiveram presentes, envolvimento em todos os momentos das realizações das tarefas, tanto nas competições como nas atividades culturais.

Outro ponto importante a ser citado, foi a competição realizada por equipes e, de uma maneira que se criasse uma disputa com ênfase na cooperação, onde inclusive a torcida era formada por uma equipe de atletas/alunos oriundos de Instituições diferentes. Em síntese, a cooperação e os confrontos foram fatores presentes e importantes durante a participação no Iº Jogos Escolares.

Quanto ao contexto histórico das modalidades, podemos dizer que esses jogos, já estão contribuindo para o seu crescimento, pois há atletas que participaram destes e que atualmente compõem a equipe de atletas da CBDC, participando de competições internacionais e obtendo boas colocações. É relevante citar aqui também, a política, estratégias e metas que a CBDC se propôs a fazer e que busca cumpri-la sempre dentro das suas reais possibilidades. A configuração destes Jogos é, portanto, plano e fato consumado.

No âmbito da participação de instituições de ensino superior, podemos dizer que a cada novo evento, a procura para a participação se torna maior, o interesse tem aumentado como já citado nas discussões, muitas vezes por se tornar um local de coleta de dados para pesquisas e estudos de graduação e de pós-graduação. Além, é claro, de promover o contato entre futuros profissionais com as pessoas deficientes visuais na sua prática esportiva e possibilitando a troca de experiências com essa população.

No geral, acreditamos que esse evento trouxe pontos importantes para reflexão, pois ao mesmo tempo em que se proporcionou uma grande vivência aos participantes

(atletas/alunos; professores e pesquisadores), ela teve um caráter diferente em se tratando de rendimentos, ou seja, visou cultivar as diferentes formas de manifestação esportiva: da aprendizagem e vivência ao encaminhamento para o alto-rendimento.

Um outro ponto a ser refletido é o da busca para a constante realização desse evento, pois seria conveniente e ideal que se acompanhassem os atletas em seus rendimentos, assim como o de evolução dos Jogos Escolares e de outros eventos para crianças e jovens com deficiência visual.

Resta-nos enfim, analisar e refletir sobre tais iniciativas, e não apenas aplicá-las ou reproduzi-las, uma vez que realizar Jogos Escolares é, também, inserir o Esporte na sociedade, a partir de intervenções educacionais e adequadas à uma cultura e em tempo e espaços próprios, não apenas reproduzindo regras ou vislumbrando a especialização precoce.

Referências

ADAMS, R.C. *et al.* **Jogos, esportes e exercícios para o deficiente físico.** São Paulo: Manole, 1985, p 172-176.

ALMEIDA, J.J.G.; CONDE, A.J.M. **Metodologia aplicada ao deficiente visual.** In: Curso de capacitação de professores multiplicadores em educação física adaptada. Brasília: Ministério da Educação, 2002

ALMEIDA, J.J.G.; OLIVEIRA FILHO, C.W. **A iniciação e o acompanhamento do atleta deficiente visual.** In: SOCIEDADE Brasileira de Atividade Motora Adaptada. Temas em Educação Física Adaptada. Curitiba: SOBAMA, 2001, p.81-85.

BARBANTI, V.J. **Treinamento físico:** bases científicas. São Paulo: CLR Balieiro, 1996.

CBDC. (A) **Confederação Brasileira de Desportos para Cegos.** Disponível em: <http://www.cbdc.org.br/quemsomos.htm>. Acessado em: 01/11/2006.

_____. (B) **Confederação Brasileira de Desportos para Cegos.** Disponível em: http://www.cbdc.org.br/boletins_antigos/2003/Boletim%20Oficial2007%20-%20corpo.htm
Acessado em: 16/11/2006.

_____. (C) **Confederação Brasileira de Desportos para Cegos.** Disponível em: <http://www.cbdc.org.br/modalidades/judo/index.htm> Acessado em: 15/11/2006.

_____. (D) **Confederação Brasileira de Desportos para Cegos.** Disponível em: <http://www.cbdc.org.br/modalidades/goalball/index.htm>. Acessado em: 15/11/2006.

CBDC. (E) **Confederação Brasileira de Desportos para Cegos**. Disponível em: <http://www.cbdc.org.br/modalidades/atletismo/index.htm>. Acessado em: 15/11/2006.

_____. (F) **Confederação Brasileira de Desportos para Cegos**. Disponível em: <http://www.cbdc.org.br/modalidades/futebol/B1/index.htm>. Acessado em: 15/11/2006.

_____. (G) **Confederação Brasileira de Desportos para Cegos**. Disponível em: <http://www.cbdc.org.br/modalidades/natacao/index.htm>. Acessado em: 15/11/2006.

_____. (H) **Confederação Brasileira de Desportos para Cegos**. Disponível em: <http://www.cbdc.org.br/modalidades/xadrez/index.htm>. Acessado em: 15/11/2006

COBO, A.D.; RODRÍGUEZ, M.G.; BUENO, S.T. Desenvolvimento cognitivo e deficiência visual. In: MARTIN, M.B.; BUENO, S.T. **Deficiência visual aspectos psicoevolutivos e educativos**. São Paulo: Santos Livraria e Editora, 2003, p.97-113.

CPB. **Comitê Paraolímpico Brasileiro**. Disponível em: <http://www.cpb.org.br/balanco/arquivos/outras/PEAR%20%20versão%20detalhada%2005.doc>. Acessado em 26/11/2006.

CRAFT, D.H.; LIEBERMAN, L. Deficiência visual e surdez. In: WINNICK, J.P. **Educação Física e Esportes Adaptados**. São Paulo: Manole, 2004.

FARIAS, N.; BUCHALLA, C.M. A classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde da organização mundial da saúde: conceitos, usos e perspectivas. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v.8, n.2, p. 187-193, 2005.

FAZZI, E., *et al.* Gross motor development and reach on sound as critical tools for the development of the blind child. **Brain & Development**, v.24, n., p.269-275, 2002.

FREIRE, J. **Planejamento ABDC_2002_2005..** [mensagem pessoal] mensagem recebida por regininhamatsui@yahoo.com.br em 01/11/2006. Apresentação em Power Point.

GALLAHUE, D.L. Desenvolvimento Motor. In WINNICK, J.P. **Educação Física e Esportes Adaptados.** São Paulo: Manole, 2004.

GALLAHUE, D.L.; OZMUN, J.C. **Compreendendo o desenvolvimento motor:** bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

GOMES, M.S.P. **Análise comparativa entre atletas olímpicos e paraolímpicos de judô: a luta de solo.** Campinas, 2005. Monografia (Licenciatura em Educação Física). Faculdade de Educação Física, UNICAMP.

HAYWOOD, K.M.; GETCHELL, N. **Desenvolvimento motor ao longo da vida.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

HYVARINEN, L. **O desenvolvimento normal e anormal da visão.** (Tradução: Silvia Veitzman). São Paulo: Laboratório Ache, 1991.

IBSA. **Capaces de tudo.** Madri: Grafica Martes, 2005.

MAGILL, R.A. **Aprendizagem motora:** conceitos e aplicações. (Tradução: Aracy Mendes da Costa). São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda, 2000.

MALINA, R.M.; BOUCHARD, C. **Atividade Física do atleta jovem:** do crescimento à maturação. São Paulo: Roca, 2002.

MANUEL, E. J. O estudo do desenvolvimento motor: tendências e perspectivas. In: TANI, G. **Comportamento motor** aprendizagem e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 2005.

MELO, C.P. **Pessoas deficientes: algumas coisas que é preciso saber.** São Paulo: Conselho Estadual para Assuntos da Pessoa Deficiente, 1986.

MICHAELLIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.** Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=atleta>. Acessado em 11/01/2007.

MIR, M.C. Discapacidad visual. IN: JORDÁN, M. Á. T. **Atletismo Adaptado** para personas ciegas y deficientes visuales. Barcelona: Editora Paidotribo, 2004, p. 15-27.

MUNSTER, M. DE A. van. **Esportes na natureza e deficiência visual: uma abordagem pedagógica.** 2004. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

OMS. **State of the world's sight: Vision 2020: the Right to sight 1995-2005.** Hyderabad (Índia): Pragati Offset Pvt. Ltd., 2005.

PONCHILLIA, P. E.; STRAUSE, B.; PONCHILLIA, S. V. Athletes with visual impairments: attributes and sports participation. **Journal of Visual Impairment & Blindness**, v.96, n.4, p. 267-272, 2002.

SANTANA, W.C. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. IN: PAES,R.R.; BALBINO, H. **Pedagogia do Esporte: contexto e perperspectivas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, p. 01-23.

SCHIMIDT, R. A.; WRISBERG, C. A. **Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema.** (TRADUÇÃO Ricardo Petersen...[et al]) – 2ª Ed – Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K. **Métodos de pesquisa em atividade física.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

THÖSTER, H.; BRAMBRING, M.; BEELMANN, A . Prevalence and situational causes of stereotyped behaviors in blind infants and preschoolers. **Journal of Abnormal Child Psychology**, v. 19, n. 5, p. 569-590, 1991.

TRÖSTER, H.; HERNER, W.; BRAMBRING, M. Longitudinal study of gross-motor development in blind infants and preschoolers. **Early Child Development and Care**, v.104, p.61-78, 1994.

TURRINI, C. A. **Curso de extensão em orientação e mobilidade**. Centro de estudos e pesquisas em reabilitação “Prof. Dr. Gabriel O.S Porto”. (CEPRE). F.C.M. – UNICAMP, 1996.

WEINECK, J. **Biologia do esporte**. São Paulo: Manole, 2005.

ANEXOS

ANEXO A - Projeto de Fomento Financeiro

3 - DESCRIÇÃO DO PROJETO

Título do Projeto I JOGOS ESCOLARES DA ABDC	Período de Execução	
	Início Outubro de 2004	Término Novembro de 2004
Identificação do Objeto Realização dos I Jogos Escolares da ABDC, na cidade de São Paulo, no período de 12 a 15 de Novembro de 2004, reunindo cerca de 250 crianças e jovens cegos e deficientes visuais, seus professores e apoios, totalizando cerca de 400 pessoas.		
Justificativa da Proposição <p>O desporto praticado por cegos e deficientes visuais é hoje uma realidade incontestável. Para tanto, basta verificarmos os resultados do Brasil na última Paraolimpíada de Sydney e a participação dos atletas cegos e deficientes visuais na equipe brasileira. Contudo, a medalha paraolímpica e o esporte de alto nível não são um fim em si mesmo, mas uma conseqüência do trabalho realizado não somente no campo técnico esportivo, mas acima de tudo no campo educacional e da formação integral do ser humano, vencendo obstáculos, dificuldades, estigmas e preconceitos.</p> <p>Apesar da excelente participação dos atletas cegos e deficientes visuais nas paraolimpíadas, observamos que muito ainda tem a ser realizado no sentido de incentivar e oferecer, de forma sistematizada, a oportunidade da prática esportiva para crianças e jovens cegos e deficientes visuais na idade escolar.</p> <p>Conseqüentemente, já podemos observar, também, a real necessidade de procedermos a uma urgente renovação dos atletas, além de possibilitar a prática de modalidades esportivas ainda não desenvolvidas em nosso país. As grandes dificuldades encontradas para o desenvolvimento de tais ações, estão centradas principalmente nos seguintes aspectos: falta de infra-estrutura adequada nos clubes, associações, escolas e institutos especializados para o desenvolvimento da prática esportiva, tais como: locais apropriados, falta de materiais e equipamentos adequados, além da conscientização dos próprios portadores de deficiência, sua família e profissionais sobre a importância do esporte como fator importante enquanto alicerce da participação do portador de deficiência na vida social. Além de todos esses aspectos, ainda esbarramos na falta dos eventos voltados para este público em específico, fator motivacional para a iniciação e pratica esportiva.</p> <p>Diante disto, acreditamos que a ABDC, ao propor o presente projeto, dá mais um passo significativo no sentido de vencer inércias setoriais, caminhando para o incentivo, fomento e desenvolvimento do desporto escolar para cegos e deficientes visuais, além de ir ao encontro do projeto de FOMENTO AO ESPORTE PARAOLÍMPICO do CPB.</p> <p>Desta forma, por acreditarmos que o futuro do desporto para cegos e deficientes visuais está principalmente nas escolas e institutos, é que propomos o presente projeto.</p>		

PLANO DE TRABALHO 2/3

4 - CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO (Meta, Etapa ou Fase).

Etapa		ESPECIFICAÇÃO	Indicador Físico		Duração	
Meta	Fase		Unid.	Quant.	Início	Término
01	1.1	Transporte dos participantes (transporte rodoviário – carros fretados)	Frete	06	OUTUBRO	NOVEMBRO
01	1.2	Transporte dos participantes (transporte Rodoviário)	Pacote	02	OUTUBRO	NOVEMBRO
01	1.3	Transporte dos participantes (transporte Aéreo)	Trecho	18	OUTUBRO	NOVEMBRO
02	2.1	Hospedagem (quartos triplos)	Diária	300	OUTUBRO	NOVEMBRO
02	2.2	Hospedagem (quartos duplos)	Diária	150	OUTUBRO	NOVEMBRO
03	3.1	Alimentação (almoço e jantar)	Refeição	2.800	OUTUBRO	NOVEMBRO
03	3.2	Alimentação (viagem)	Pessoa	80	OUTUBRO	NOVEMBRO
04	4.1	Transporte interno (van)	Diária	12	OUTUBRO	NOVEMBRO
04	4.2	Transporte interno (ônibus)	Diária	09	OUTUBRO	NOVEMBRO
05	5.1	Premiação – Medalhas	Peça	400	OUTUBRO	NOVEMBRO
05	5.2	Premiação – Troféu	Peça	18	OUTUBRO	NOVEMBRO
06	6.1	Remuneração de Serviços Pessoais – coordenadores	Diária	12	OUTUBRO	NOVEMBRO
06	6.2	Remuneração de Serviços Pessoais – monitores técnicos especializados	Diária	87	OUTUBRO	NOVEMBRO
06	6.3	Remuneração de Serviços Pessoais – pessoal de apoio	Diária	48	OUTUBRO	NOVEMBRO
07	7.1	Locação de Auditório no hotel	Diária	03	OUTUBRO	NOVEMBRO
08	8.1	Material promocional (camisetas brancas)	Peça	80	OUTUBRO	NOVEMBRO
08	8.2	Material promocional (camisetas coloridas)	Peça	320	OUTUBRO	NOVEMBRO
09	9.1	Locação de Serviços de Sonorização	Pacote	01	OUTUBRO	NOVEMBRO

5 - PLANO DE APLICAÇÃO (R\$ 1.00)

	Natureza de Despesa	Total
Código	Especificação	
1.1	Transporte dos participantes (transporte rodoviário – carros fretados – ida e volta) Rio de Janeiro – São Paulo João Pessoa – Campina Grande – Salvador – São Paulo Curitiba – São Paulo Joinville – São Paulo Belo Horizonte – São Paulo Ribeirão Preto – Limeira – Paulínia – Campinas – São Paulo	R\$
1.2	Transporte dos Participantes (transporte rodoviário – pacote para ida e volta) Campo Grande – São Paulo (pacote fechado para 11 pessoas) Acre – São Paulo (pacote fechado para 12 pessoas)	R\$
1.3	Transporte dos participantes (transporte Aéreo) BSB – CGH – BSB UDI – CGH – UDI JPA – CGH – JPA CWB – CGH – CWB JOI – CGH – JOI SDU – CGH – SDU CGB – CGH – CGB	R\$
2.1	Hospedagem (quartos triplos)	R\$
2.2	Hospedagem (quartos duplos)	R\$
3.1	Alimentação – Almoço e Jantar dos participantes	R\$
3.2	Alimentação – Viagem	R\$
4.1	Transporte interno – van	R\$
4.2	Transporte interno – ônibus	R\$
5.1	Premiação – medalhas	R\$
5.2	Premiação – Troféus	R\$
6.1	Remuneração de Serviços Pessoais – coordenadores	R\$
6.2	Remuneração de Serviços Pessoais – monitores técnicos especializados	R\$
6.3	Remuneração de Serviços Pessoais – pessoal de apoio	R\$
7.1	Locação de Auditório no hotel para 400 pessoas	R\$
8.1	Material promocional (camisetas brancas)	R\$
8.2	Material promocional (camisetas coloridas)	R\$
9.1	Locação de Serviços de Sonorização	R\$
TOTAL GERAL		R\$

PLANO DE TRABALHO 3/3

6 - CRONOGRAMA DE REPASSE (R\$1.00)

META	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN

META	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9.				R\$		

7 - DECLARAÇÃO

Na qualidade de representante legal do proponente, declaro, para fins de prova junto ao COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO - CPB, para os efeitos e sob as penas da lei, que inexistem qualquer débito em mora ou situação de inadimplência com o Tesouro Nacional ou qualquer órgão ou entidade da Administração Pública Federal, que impeça o repasse de recursos para a celebração do Termo de Parceria, na forma deste plano de trabalho.

Pede Deferimento,

São Paulo, 25 de outubro de 2004.

David Farias Costa
Presidente ABDC

8 - APROVAÇÃO PELO CONCEDENTE

Aprovado

Local e Data

Comitê Paraolímpico Brasileiro

ANEXO B - Carta convite enviada as Instituições

Of. Pres. 0804/2004

São Paulo, 30 de Setembro de 2004.

Senhor Presidente,

No momento em que vivemos a grande repercussão dos excelentes resultados dos atletas portadores de deficiência visual nos Jogos Paraolímpicos de Atenas, a ABDC, com o apoio do Comitê Paraolímpico Brasileiro – CPB e da Secretaria de Esportes da Prefeitura do Município de São Paulo, fará realizar, na cidade de São Paulo, SP, de 12 a 15 de novembro de 2004, os I JOGOS ESCOLARES BRASILEIROS DA ABDC. O evento, destinado a alunos atletas portadores de deficiência visual nascidos até o ano de 1986, contará com as modalidades de atletismo, natação, judô, goalball, futebol de salão B1 e xadrez.

As competições se darão no Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa da Prefeitura do Município de São Paulo, localizado à Avenida Ibirapuera, 1315, esquina com a Rua Pedro de Toledo, Vila Clementino. Já a hospedagem, em apartamentos duplos e triplos, e toda a alimentação acontecerão no Hotel Excelsior Ipiranga, Av. Ipiranga, 770, Centro, São Paulo, telefone 3331-0377.

Os alunos atletas, em todas as competições, estarão divididos em duas categorias: nascidos nos anos de 1990 a 1994 (Infanto-Juvenil) e nascidos nos anos de 1986 a 1989 (Juvenil). As inscrições deverão observar as normas expressas no Regimento Interno da ABDC e aquelas estabelecidas na Resolução de Diretoria 006/2003, publicada no Boletim Oficial 007/2003, em 19 de maio de 2003 (copia em anexo).

A ABDC arcará com os custos de transporte até São Paulo, em ônibus executivo fretado, hospedagem, transporte interno e alimentação. Cada entidade participante, além de cumprir os requisitos necessários à participação nos Jogos, deverá inscrever um acompanhante para cada 05 (cinco) alunos atletas. Considerar-se-á como acompanhantes chefes de delegações, técnicos, auxiliares, pessoal da área médica e todos os demais componentes da delegação que não os atletas inscritos.

As fichas de inscrição, modelo em anexo, deverão ser preenchidas com todos os dados solicitados e encaminhadas à ABDC, impreterivelmente, até o dia **29 de outubro de 2004**.

Os alunos que ainda não tenham sido cadastrados como atletas na ABDC, deverão ser cadastrados, através do preenchimento de formulário próprio (modelo em anexo) e envio à ABDC com a documentação necessária, conforme o art. 2º da RDI 006/2003.

As modalidades esportivas coletivas (goalball e futebol de salão B1) não serão efetivadas com equipes formadas por entidade, mas sim através de sorteio, compondo quatro equipes para a disputa de um

torneio. Os alunos atletas inscritos no futebol de salão e no goalball deverão, necessariamente, ser inscritos e participar de mais uma modalidade individual.

A chegada das delegações à cidade de São Paulo deverá se dar na tarde do dia 12 de novembro de 2004 (sexta-feira) estando previsto o jantar, no hotel, para esse dia; e o retorno das equipes previsto para a tarde do dia 15 de novembro (segunda-feira), quando não será oferecido jantar. O Congresso Técnico se dará às 20h do dia 12, nas dependências do Hotel Excelsior. A Solenidade de Abertura será no Centro Olímpico, local de todas as competições, às 9h do dia 13 de novembro.

À entidade dirigida por Vossa Senhoria, foi reservado o seguinte número total de vagas:

- ✓ **25 ALUNOS ATLETAS**
- ✓ **05 ACOMPANHANTES**

A ABDC, mais uma vez, expressa a sua mais elevada consideração, se coloca à disposição para qualquer outra informação que se faça necessária e convida a entidade dirigida por Vossa Senhoria a se fazer representar no evento, reconhecendo o esforço e o trabalho desenvolvido no sentido da renovação de nosso quadro de atletas e do oferecimento da prática do esporte enquanto componente da formação de alunos cegos e portadores de baixa visão.

Atenciosamente,

David Farias Costa
Presidente

**ANEXO C - FICHA DE CADASTRO GERAL DE ATLETA
DESPORTO ESCOLAR**

NOME DA AFILIADA: _____
 SIGLA: _____ Nº DE CONTROLE: _____
 NOME COMPLETO DO ATLETA: _____
 SEXO: MASC () FEM () CLASSE: B1 () B2 () B3 () DATA DE NASC: __/__/__
 FILIAÇÃO: _____

 NACIONALIDADE: _____ NATURAL DE: _____
 R.G. Nº: _____
 ENDEREÇO RESIDENCIAL: _____
 CEP: _____ BAIRRO: _____ CIDADE: _____ UF: _____
 FONE: _____ FAX: _____ E-MAIL: _____
 ESCOLA OU INSTITUTO: _____
 SÉRIE: _____
 ALTURA: _____ PESO: _____ CALÇADO Nº: _____ MANEQUIM: P() M() G() GG()
 DIABÉTICO: SIM () NÃO ()
 RESTRIÇÃO ALIMENTAR POR MOTIVO DE SAÚDE: SIM () NÃO ()
 QUAL OU QUAIS: _____
 RESTRIÇÃO DE ATIVIDADE OU ALIMENTAR POR MOTIVO RELIGIOSO:
 SIM () NÃO ()
 QUAL OU QUAIS: _____
 PATOLOGIAS OFTALMOLOGICAS: _____
 MODALIDADE DE INTERESSE:
 () ATLETISMO () NATAÇÃO () FUTSAL () GOALBALL () JUDÔ () XADREZ

Ao assinar minha ficha de Registro no Cadastro Geral de Atleta do desporto escolar, declaro estar ciente de todas as minhas responsabilidades e de ser conhecedor de meus direitos enquanto atleta, e me comprometo a respeitar o Estatuto, o Regimento Interno e acatar as Normas, Resoluções e Deliberações emanadas dos Poderes Constituídos da ABDC.

LOCAL E DATA: _____

 ASSINATURA DO ATLETA

ANEXO D - FICHA DE INSCRIÇÃO DE ATLETAS

I Jogos Escolares para Cegos e Deficientes Visuais

São Paulo / SP 12 a 15 de Novembro de 2004

Nome da Entidade: _____

Nome do atleta: _____ Masc () Fem ()

Data de nasc: _____ RG: _____ Class. Visual _____ Categoria: _____

Modalidades:

() Atletismo () Goalball () Xadrez () Judô () Natação () Futebol B1

Nome do atleta: _____ Masc () Fem ()

Data de nasc: _____ RG: _____ Class. Visual _____ Categoria: _____

Modalidades:

() Atletismo () Goalball () Xadrez () Judô () Natação () Futebol B1

Nome do atleta: _____ Masc () Fem ()

Data de nasc: _____ RG: _____ Class. Visual _____ Categoria: _____

Modalidades:

() Atletismo () Goalball () Xadrez () Judô () Natação () Futebol B1

Nome do atleta: _____ Masc () Fem ()

Data de nasc: _____ RG: _____ Class. Visual _____ Categoria: _____

Modalidades:

() Atletismo () Goalball () Xadrez () Judô () Natação () Futebol B1

Data e Assinatura do Dirigente Responsável

ANEXO E - FICHA DE INSCRIÇÃO DE STAFF

I Jogos Escolares para Cegos e Deficientes Visuais

São Paulo / SP 12 a 15 de Novembro de 2004

Nome da Entidade: _____

Chefe de delegação: _____ Masc () Fem ()

Celular p/ contato: _____

RG: _____ CPF: _____

Acompanhante: _____ Masc () Fem ()

Função: _____ RG: _____ CPF: _____

Acompanhante: _____ Masc () Fem ()

Função: _____ RG: _____ CPF: _____

Acompanhante: _____ Masc () Fem ()

Função: _____ RG: _____ CPF: _____

Acompanhante: _____ Masc () Fem ()

Função: _____ RG: _____ CPF: _____

Acompanhante: _____ Masc () Fem ()

Função: _____ RG: _____ CPF: _____

Acompanhante: _____ Masc () Fem ()

Função: _____ RG: _____ CPF: _____

Data e Assinatura do Dirigente Responsável

ANEXO F – Informativo do evento

A Associação Brasileira de Desportos para Cegos – ABDC, com o apoio do Comitê Paraolímpico Brasileiro – CPB, da Secretaria de Esportes da Prefeitura do Município de São Paulo e da Bandeirante Emergências Médicas – BEM, realizará no período de 12 a 15 próximos, os “I Jogos Escolares Brasileiros da ABDC”.

Este evento que constará com aproximadamente 400 participantes de 09 estados: Acre, Bahia, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo, será destinado a crianças e jovens cegos e deficientes visuais regularmente matriculados em instituições de ensino. Os quais poderão vivenciar as modalidades de atletismo, natação, judô, goalball, futebol de salão e xadrez.

Os Jogos ocorrerão nos dias 13 e 14 manhã e tarde e 15 apenas de manhã, no Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa da Prefeitura do Município de São Paulo, sito à Av. Ibirapuera, 1315 – Ibirapuera – São Paulo / SP. Informamos também, que no dia 13 às 20:00 h, contaremos com as presenças de alguns dos atletas que integraram a delegação brasileira nos Jogos Paraolímpicos de Atenas – 2004 assim como Mizael Conrado (Futebol de 05), Simone Camargo e Odair Ferreira (Atletismo), Renata Hermenegildo (Goalball), Tatiane Silva (Judô) e André Meneghetti (Natação) para contarem às crianças um pouco sobre suas experiências de vida, além da sensação de representar o país no 2º maior evento esportivo do mundo.

A Cerimônia de Abertura acontecerá às 09 h do dia 13 no Centro Olímpico, com horário previsto para o início dos Jogos às 9 h e 30 min. A premiação e encerramento se darão dia 15, segunda-feira às 12h e 30 min.

Vale ressaltar que em uma iniciativa brilhante, esta será a primeira vez que o Comitê Paraolímpico Brasileiro – CPB apoiará uma filiada num evento destinado a crianças e jovens.

ANEXO G - Ficha de anamnese

Nome - _____ Data de Nascimento - ___/___/___

Alfabetizado: () Sim () Não Se sim, qual o método: () A Tinta () Braille

Causa da deficiência visual _____ Data de aparecimento - ___/___/___

Possui acompanhamento médico () Sim () Não

Utiliza algum medicamento _____

Percepção Luminosa () Sim () Não

Acuidade Visual para longe - OD _____ OE _____

Quais esportes você já praticou? - _____

Observações - _____

